

**UNIDERC – UNIÃO DE INSTITUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO
EDUCACIONAL RELIGIOSO E CULTURAL**

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E EXTENSÃO

PROGRAMA DE GESTÃO DE CONHECIMENTO

KÁTIA FARIAS ANTERO

**O PAPEL DO DOCENTE NA CONSTRUÇÃO DO FENOMENO
TRANSFERENCIAL AFETIVO NA VISÃO PSICANALÍTICA**

**CAMPINA GRANDE - PARAÍBA
2013**

KÁTIA FARIAS ANTERO

**O PAPEL DO DOCENTE NA CONSTRUÇÃO DO FENOMENO
TRANSFERENCIAL AFETIVO NA VISÃO PSICANALÍTICA**

Dissertação ou Tese apresentada à Banca Examinadora do Curso de Mestrado em Psicanálise Aplicada na Educação e Saúde para efeito de conclusão de curso.

Orientador: Prof. Dr. Matusalém Alves Oliveira

CAMPINA GRANDE - PARAÍBA

2013

**UNIDERC – UNIÃO DE INSTITUIÇÕES PARA O
DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL RELIGIOSO E CULTURAL
MESTRADO EM PSICANÁLISE APLICADA NA EDUCAÇÃO E SAÚDE**

**O PAPEL DO DOCENTE NA CONSTRUÇÃO DO FENOMENO
TRANSFERENCIAL AFETIVO NA VISÃO PSICANALÍTICA**

KÁTIA FARIAS ANTERO

Data da defesa: ____ / ____ /2013

Banca Examinadora:

Presidente:

Professor Dr. Matusalém Alves Oliveira

1º Examinador:

Professor Dr. ou Dra.

2º Examinador:

Professor Dr. ou Dra.

3º Examinador:

Professor Dr. ou Dra.

Dedico essa pesquisa investigativa a todos os professores que procuram aperfeiçoar cotidianamente a sua prática e deseja conhecer sobre a psicanálise e sua contribuição no exercer do professor e a importância da afetividade na sala de aula.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço ao senhor Deus que me concedeu concluir esse curso permitindo que eu me tornasse uma profissional mais habilitada e especializada.

A meus pais que me deram muito força no desenvolver do meu curso, me ajudando, mesmo que de forma verbal através de seus incentivos a não desistir e que iria vencer mais essa etapa na vida.

Ao meu esposo Anderson Franklin do Rego Antero que com toda sua paciência jamais deixou de me dar a força que eu precisava para prosseguir, pelas vezes que me socorreu nos momentos que eu precisei e ninguém poderia fazer isso em seu lugar, pelos dias e noites que soube compreender que eu precisava ler, estudar, escrever, pesquisar e que por isso precisei tantas vezes me tornar ausente.

À minha filha Vanessa Joyce, por saber entender que eu precisava ter tempo para dedicar as solicitações do curso.

Ao professor Ataíde, que me incentivou, me ajudou de uma forma que serei grata pelo resto dos meus dias. Sua ajuda foi fundamental para que eu iniciasse esse curso. Agradeço a ele pela oportunidade que me concedeu em subir mais um degrau na escada do conhecimento.

À minha amiga Kalina Kátia que me ajudou tanto em diversas circunstâncias me dando muito apoio e levantando minha autoestima com seu bom humor e incentivo.

À minha sogra, pelas orações realizadas ao meu favor.

A Paulo Rogério, que me compreendeu pelas eventuais vezes que me ausentei do trabalho para resolver algumas pendências enquanto mestranda.

À professora Sandra Ugiette pelos caminhos mostrados para iniciar esse trabalho.

Ao professor, meu orientador, Matusalém que se prontificou a me orientar quando a professora Sandra não pode mais exercer essa ação.

“As escolas deveriam entender mais de seres humanos e de amor do que de conteúdos e técnicas educativas. Elas têm contribuído e demasia para a construção de neurótico por não entenderem de amor, de sonhos, de fantasias, de símbolos e de dores”

Cláudio Saltini

RESUMO

O presente trabalho se dedica a disponibilizar dados de uma pesquisa a respeito dos relacionamentos e interferências que ocorrem entre professores e alunos no Ensino Fundamental II na aprendizagem e de que forma ocorre a transferência entre as partes. Esperamos nesse trajeto fornecer elementos para uma leitura psicanalítica e educacional acerca das contribuições da Psicanálise e educação. Reconhecendo que ainda há resistência por parte de muitos professores sobre a área psicanalítica, acreditamos que a Psicanálise pode ajudar na elucidação de questões educativas.

Palavras-chave: Professor. Aprendizagem. Transferência afetiva. Psicanálise.

ABSTRACT

This work is dedicated to provide data from a research regarding relationships and interferences that occur between teachers and students in Elementary Schools in learning and how the transfer occurs between the parties. We expect this course to provide elements for a psychoanalytic reading and education about the contributions of psychoanalysis and education. Recognizing that there is still resistance from many teachers over the area of psychoanalysis, we believe that psychoanalysis can help to elucidate educational issues.

Keywords: Teacher.Learning.Affective transfer.Psychoanalysis.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
CAPITULO 1 - A PRÁTICA DO FAZER DOCENTE E SUA INTERFERÊNCIA NA APRENDIZAGEM	16
1.1 CONTEXTUALIZANDO A IMPORTÂNCIA DA DIDÁTICA–PEDAGOGIA DA AFETIVIDADE	20
1.1.1 Inteligência: Desenvolvimento do Humano	24
1.1.2 Relação Interpessoal.....	27
1.2 ENSINO X APRENDIZAGEM: O PAPEL DO PROFESSOR.....	34
1.3 FREUD E A PEDAGOGIA.....	43
1.4 A PSICANÁLISE.....	46
CAPITULO 2 - RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO E APRENDIZAGEM: A SATISFAÇÃO DO EU DOS SUJEITOS NA VISÃO DA EDUCAÇÃO E DA PSICANÁLISE	50
2.1 SATISFAÇÃO DO EU DOS SUJEITOS NA VISÃO DA EDUCAÇÃO	57
2.2 SATISFAÇÃO DO EU DOS SUJEITOS NA VISÃO DA PSICANÁLISE	60
CAPITULO 3 - PROCESSO DE TRANSFERÊNCIA AFETIVA NA ELABORAÇÃO SUBJETIVA DAS CATEGORIAS CONCEITUAIS SATISFAÇÃO/ INSATISFAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR.....	65
3.1 TRANSFERÊNCIA AFETIVA NA PSICANÁLISE	69
3.2 TRANSFERÊNCIA AFETIVA NA EDUCAÇÃO.....	75
3.3 O CONCEITO DE SATISFAÇÃO/ INSATISFAÇÃO NO PROCESSO EDUCATIVO	81
3.4 O CONCEITO DE MOTIVAÇÃO/ DESMOTIVAÇÃO NO PROCESSO EDUCATIVO	84
3.5 RELATO DE UMA PRÁTICA EXITOSA (METODOLOGIA E ANÁLISE DE DADOS)	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS.....	101

1INTRODUÇÃO

Podemos encontrar inúmeros trabalhos acadêmicos nas universidades a respeito da relação professor e aluno na escola, dedicando a examinar com visão psicanalítica como isso acontece no âmbito escolar. Muitas dessas pesquisas focam apenas o fenômeno transferencial como um ponto a ser destacada nesse processo.

A presente pesquisa partiu de algumas observações realizadas no cotidiano da autora no seu local de trabalho em uma escola da rede particular de ensino, na cidade de Campina Grande na Paraíba. Como coordenadora, a autora possui boa relação com os alunos e sempre procura conversar informalmente a respeito da aprendizagem, sobre a forma como se relacionam com os professores, como os vêem durante as aulas. Tais conversas visam investigar a forma como os professores se relacionam com o alunado.

Escolhemos como sujeitos de nossa pesquisa 13 alunos da turma do 6º ano do Ensino Fundamental II de uma escola que aqui nomearemos de “O Saber”. Junto a esses alunos analisamos a forma de abordagem e metodologia de dois professores: Um de História e o outro de Música, Artes e Educação Cristã. Através dos primeiros discursos dos alunos percebemos que havia uma demonstração de prazer por falar mais sobre um professor do que sobre o outro.

Escolhemos essa turma porque aos nossos olhos ela tem um olhar diferente das outras. É um grupo que está saindo de um segmento ainda muito infantil e inserindo-se em outro com outras perspectivas e práticas. Tudo para eles é novo e é interessante ouvi-los porque são sinceros em seus discursos.

A partir da escuta dos alunos, o interesse dessa pesquisa passou a ser analisar o fazer pedagógico docente e sua interferência na aquisição do conhecimento do aluno; identificar até que ponto a afetividade apresentada entre professor e aluno instiga no aprendizado do discente; entender como as satisfações dos sujeitos influenciam no

modo de agir para o processo de aprendizagem; compreender como as relações são influenciadas pelo processo de transferência afetiva na elaboração subjetiva das categorias conceituais satisfação/ insatisfação no ambiente escolar.

Desse modo, foram selecionados os professores que, de acordo com os alunos, apresentavam amor ao ensinar ou recusa. Os professores também foram ouvidos, buscando-se entre outras coisas investigar como eles se relacionam com os alunos e de que forma tornaram-se professores. E ainda, os aspectos que são fáceis e mais difíceis no ensino/aprendizado. Junto aos alunos interessou-se investigar quais são as características dos professores para que sejam denominados por ensinar com satisfação pelo que faz ou não para que assim possamos verificar de que forma esse aspecto interfere no modo de o professor ensinar.

Sabemos que a forma como o professor se relaciona consigo mesmo e com a sua profissão, estando este satisfeito ou não com o que faz, reflete na forma como conduz sua metodologia. Conseqüentemente, podemos observar que não é uma constante o aluno gostar da mesma forma de todos os professores e se relacionar da mesma maneira.

Como também entendemos que esse profissional não é tão valorizado (financeiramente falando) em nosso país como realmente deveria ser por saber que todas as outras profissões perpassam por ele e que por inúmeras exigências a cumprir sejam metodológicas e/ou curriculares levam a muitos professores ficarem sobrecarregados e, conseqüentemente, vai se perdendo o estímulo em ensinar.

Diante de tantas dificuldades enfrentadas por esse profissional, nos questionamos: será que o amor pela profissão e por seu fazer pedagógico é que faz com que esse profissional exerça sua função com dedicação e empenho demonstrando amor por sua escolha profissional? Até que ponto suas experiências passadas podem interferir na aprendizagem e nos relacionamentos com seus alunos em sala de aula, realizando transferências?

Encontraremos no primeiro capítulo desse trabalho, uma retomada de conceitos e abordagens a respeito da educação em seus aspectos gerais. Em alguns pontos faremos viés com a linha psicanalítica. Verificaremos que a relação entre professor e aluno está ligada a afetividade que ocorre entre ambos em sala de aula.

A qualidade do processo educativo é influenciada por vários determinantes dentre eles o desempenho do professor, que levando em consideração as suas ações dentro e fora de sala de aula, influencia de maneira benéfica ou maléfica no aprendizado da criança porque ele passa a ser um referencial no educando que, por muitas vezes, serve de modelo para se basear.

Verificaremos qual o papel do professor no aprendizado do aluno, levando em consideração suas relações na escola. Em meio a essa abordagem tomaremos como uma das pontes na área educacional, as contribuições de Sigmund Freud e seu olhar sobre a pedagogia. Destacando ainda a importância que há no enlace entre a educação e a psicanálise.

No segundo capítulo desse estudo, abordaremos de modo mais afinado sobre a relação professor e aluno, mas com o intuito de destacar a satisfação que cada sujeito apresenta, seja ele educador ou educando, com seu eu, tanto com visão educacional, quanto psicanalítica.

Nessa relação pedagógica desenvolvida entre professor e aluno é que ocorre a transferência do ensino e, junto nesse contexto, encontramos as emoções, desejos e amor de ambos os sujeitos. Como reforça Gadotti (2006, p. 36), “ama-se na medida em que se busca comunicação, integração a partir da comunicação com os demais”.

O terceiro capítulo terá como enfoque fenômeno da transferência, segundo a psicanálise, que está presente inegavelmente na relação professor – aluno, já que é possível a intervenção do professor no processo de ensino aprendizagem sendo o interlocutor do educando. Além de explorar a transferência afetiva na psicanálise e na

educação, verificando a satisfação/insatisfação dos sujeitos envolvidos no processo educativo, bem como a questão sobre motivação.

Nessa relação, o aluno se foca na figura do professor fazendo com que ocorra a transferência. Kupfer (1995) aborda que a transferência perpassa entre o inconsciente do professor e o do aluno. Acaba sendo para o aluno o símbolo de um desejo inconsciente.

Parafraseando Freud em relação à transferência, podemos afirmar que essa ocorre quando o professor esvazia-se de si mesmo recebendo o sentido que é conveniente para o desejo inconsciente do aluno. Dessa forma, o educador ocupa uma posição de suma importância para o aluno uma vez que, o educador possui algo que pertence ao aluno. Esse poder que o professor acaba adquirindo pode ser aproveitado por ele para ensinar e preparar o aluno ou influenciá-lo a seguir suas próprias crenças.

Nesse percurso, o professor baseia-se em referenciais teóricos para suprir seus conflitos que circundam o cotidiano dos alunos que apresentam dificuldades, o que implica dizer que o professor deve considerar as especificidades de cada criança, suas necessidades, seus interesses e expectativas, considerando o discente como um sujeito agente do meio, que interage como mundo e com as pessoas desde o nascimento, portanto, tem muito conhecimento a ser considerado na escola, pois ele se apropria do mundo e faz parte de sua história e o afeto que ocorre ou não entre os sujeitos devem ser considerados.

Como a afetividade tem sido um dos tópicos de análise para descobrir seu real significado na aprendizagem, a relação afetiva entre discente e docente deve ser vista como um caminho que viabilize o processo de ensino aprendizagem. Neste ângulo, aponta-se necessidade de um constante movimento dialético na busca junto aos envolvidos, uma contínua discussão, um repensar e assim, a própria ação de educar e como essa educação vem se constituindo, bem como, a convivência diária na concretização deste.

Com o passar do tempo novos estudos em relação à educação vão surgindo permitindo novos nortes ao professor para exercer sua prática. Ao citar o construtivismo como uma corrente teórica, ALTOÉ e PENATI (2005), afirmam que a inteligência do ser humano desenvolve mediante as ações mútuas entre o ser e o meio em que ele está inserido. A ideia é de que o homem não nasce inteligente, mas também não é passivo sob a influência do meio. Ao contrário, responde aos estímulos externos agindo sobre eles para construir e organizar o seu próprio conhecimento, de forma cada vez mais elaborada. Esta é a pedagogia moderna.

Na concepção de Novaski(sd), quando se fala que educar significa “levar de um lugar para o outro” quer dizer que um processo de ensino aprendizagem se dá a partir de quando duas pessoas se encontram e começam a trocar experiências, significando um aumento incalculável de informações havendo um enriquecimento da aprendizagem. Aprender isso é se inteirar profundamente com o mundo humano. O professor que se fundamenta em um processo de ensino aprendizagem se relacionando com os alunos, precisa ao longo dos conteúdos, quaisquer que seja planejar e transmitir cuidadosamente para poder desenvolver o prazer em aprender e deve ir sendo vivida essa aprendizagem, pois segundo Araújo (2002), é preciso haver uma relação interpessoal entre professores e alunos e que esta relação reflita na democracia e no respeito mútuo.

Para que se tenha respeito em sala de aula é preciso que haja um mínimo de afetividade nas relações, pois ela baseia-se na cooperação, no respeito mútuo e na reciprocidade entre professor e aluno, não havendo um ser superior e nem inferior.

A concepção de Cunha (1999) sobre a relação professor – aluno é que dificilmente um aluno apontaria um professor como bom, ou melhor, de um curso, sem que este tenha as condições básicas de conhecimentos de sua matéria de ensino, ou habilidades para organizar suas aulas, além de manter relações positivas. Entretanto, quando os alunos verbalizam o porquê da escolha do professor, eles enfatizam os aspectos afetivos.

As virtudes e valores do professor que consegue estabelecer laços afetivos com seus alunos repetem-se e intrincam-se na forma como ele trata o conteúdo e nas habilidades de ensino que envolve. Outro aspecto importante para esta relação é a metodologia do professor, como acredita nas potencialidades do aluno, na aprendizagem e com o nível de satisfação do educando. Parece natural que o professor que tem uma boa relação com os alunos preocupe-se com os métodos de aprendizagem e procure formas dialógicas de interação.

Mediante a observação que os alunos fazem dos professores e este abre espaço para o convívio harmonioso pode facilitar o aprender e o aluno vai adquirindo sua autonomia para que sinta o ambiente de paz na sala de aula, isso implica longe de pressão porque ele precisa se sentir seguro, pois nesta influência professor – aluno - professor o que importa não é o que o professor fala, e sim, como ele age. De maneira que se deu a enfatizar que a primeira impressão é a que fica tanto para nós, professores, como também para nossos alunos, então se dá a primeira avaliação e dela depende a boa relação, a não relação ou má relação subsequente.

Nessa relação é interessante observar o que acontece nesse processo de troca entre os sujeitos. Abordamos essa análise tomando o viés psicanalítico e educacional, enfatizando a aprendizagem e a afetividade com o outro.

Finalizamos essa parte da pesquisa, citando Sigmund Freud em seu discurso comemorando o quinquagésimo aniversário do colégio que estudou por 8 anos em Viena:

Minha emoção ao encontrar meu velho mestre escola adverte-me de que antes de tudo, devo admitir uma coisa: é difícil dizer se o que exerceu mais influência sobre nós e teve importância maior foi a nossa preocupação pelas ciências que nos eram ensinadas, ou pela personalidade de nossos mestres. É verdade, no mínimo, que esta segunda preocupação constituía uma corrente oculta e constante em todos nós e, para muitos, os caminhos das ciências passavam apenas através de nossos professores. Alguns detiveram - se a meio caminho dessa estrada e para uns poucos porque não admitir outros tantos? Ela foi por causa disso definitivamente bloqueada (FREUD, 1969, p. 286).

É notório em sua declaração o impacto que há entre professor no aluno, que mesmo sendo inconsciente se estabelece na memória de maneira mais significativa do que os assuntos abordados nas aulas. Assim, toda a aprendizagem se foca no campo estabelecido entre os sujeitos envolvidos na aprendizagem, o que pode de certa maneira favorecer ou desfavorecer o ato do aprender.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

CAPITULO 1 - A PRÁTICA DO FAZER DOCENTE E SUA INTERFERÊNCIA NA APRENDIZAGEM

Com a finalidade de conseguirmos a consecução de nossos objetivos, iniciamos com a apresentação da etimologia da palavra aprendizagem, derivada do verbo aprender. Sua origem é do latim *apprehendere* que significa compreender. Sua conceituação refere a diversas dimensões em que o termo é utilizado: aprendizagem sistemática, aprendizagem escolar, aprendizagem profissional, dentre outros.

Segundo Pain (1992) há duas condições de aprendizagem, as externas e internas. As condições externas é aquela que sofre influencia do meio ao qual o sujeito está inserido e as internas são definidas pelo próprio indivíduo ou o corpo como mediador da ação.

Ser professor é algo que requer bastante doação por parte do sujeito e interesse pelo desenvolver do aprendiz. É necessária uma reflexão sobre a prática docente sem distinguir a vida escolar do aspecto social, econômico e político, pois essas estruturas implicam nas relações existentes dentro e fora do espaço escolar.

Ao investigarmos as definições da palavra professor encontraremos no dicionário Michaelis (2001, p.184) “homem que ensina uma ciência, uma arte ou uma língua; mestre”. Porém, ampliamos esse conceito e vemos que ser professor é abrangente. É um ser como outro qualquer que possui angústias, medos, histórias e experiências pessoais e alegrias, dentre outros contextos. Mas esse ser é diferenciado por lhe dar com outros seres e como conhecimento.

Para discorrermos a respeito da prática docente é importante destacar a contribuição de Freitas (2002) ao afirmar que atualmente os educadores enfrentam dois dilemas: reinventar a escola como local de trabalho e reinventar a si mesmo como

profissionais da educação e como pessoas. Isto mostra que os professores devem refletir não só sobre suas práticas, metodologias, atitudes, concepções e sobre o conhecimento da aprendizagem por parte do discente, mas é necessário um reinventar sobre suas relações profissionais que começa com suas observações a partir da relação com o outro.

Sabemos que a escola é o espaço social que possibilita ao aluno a apropriação de conhecimentos filosóficos, científicos, matemáticos entre outros, que são sistematizados ao longo da história da humanidade. A escola ainda estimula e propicia o desenvolvimento das habilidades e competências que auxilia o ser a compreender as relações.

Os estudiosos Seber (2000) e Rego (2000) declaram que o conhecimento se dá mediante a interação com o outro, na interação entre o aluno e o objeto a ser conhecido, e o educador media esse processo. Por essa razão, o educador necessita contextualizar a sua prática vendo o aluno como sujeito integral e concreto, como um sujeito que possui a sua história e possui uma bagagem cultural construída na sua interação com o meio em que vive.

Nesse contexto, é interessante destacar que o professor deve buscar sua permanente formação para compreender os princípios e saberes necessários à prática educativa, como explica Garrido (1999) afirmando que à medida que a consciência de uma práxis transformadora é ampliada, os educadores vão se apropriando desses princípios. Tudo isso deve estar arraigado pela ética profissional e pela autonomia sobre o seu saber fazer, o que é construído ao longo da trajetória profissional de cada educador.

O autor supracitado ainda destaca três saberes necessários à prática educativa: os conhecimentos específicos que os educadores oportunizam aos discentes desenvolvendo-os enquanto humano e cidadão; os saberes pedagógicos que se relacionam aos conhecimentos adquiridos pelos professores para desenvolver o processo de ensino; e os saberes da experiência que se referem ao conhecimento que

o professor acumulou durante sua história de vida. Todos esses saberes são resultados dos encontros e desencontros com as teorias e práticas e uns com os outros, e ainda um repensar e refletir sobre a ação docente, permitindo construírem-se enquanto educadores.

A partir do momento que o indivíduo opta pela profissão de professor e inicia sua vida acadêmica, deve conscientizar-se que também é um sujeito que é inerente à produção do saber que necessita possibilitar um refletir sobre a prática do ensinar.

Ensinar não é um erro repasse de conhecimento. É correta a afirmação de Freire (1996, p.26) ao explicar que “ensinar não é transmitir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. O aluno precisa estar envolvido por uma motivação que possa envolvê-lo na construção da aprendizagem e o educador deve saber que tudo isso é um processo e como tal, é contínuo. O professor deve proporcionar aos alunos vários caminhos para que esses objetivos sejam alcançados, enquanto os discentes devem ampliar os conhecimentos necessários para sua formação enquanto pessoa e enquanto futuro profissional.

Somos sujeitos em constante mutação. Estamos a cada dia nos transformando e adquirindo novos conhecimentos. Diante disso, tanto o aluno aprende com o professor, quanto este último aprende com os alunos. O que reforça Freire (1996, p. 25) informando que “não há docência sem discência [...]”, pois “[...] quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. A aprendizagem acaba sendo um desafio nessa dialética entre professor e aluno; aluno e professor, porém passa-se a estabelecer vínculos de amizade e respeito favoráveis à aprendizagem.

O professor desempenha um papel fundamental na formação do aluno. Este o vê como referência, com respeito e baseia, muitas vezes, as suas atitudes nesse profissional. A prática do ensinante propicia uma opinião mais formada, um pensamento mais direcionado e com lógica. Como reflexo dessa prática, o aluno intervêm em suas relações com o meio social. O educando deve conhecer o meio a qual pertence e saiba

interferir nele com convicção do que faz, como cidadão, enquanto agente de mudança na busca de uma vida melhor para todos.

Por esse motivo, não se forma mais sujeitos individualistas e alienados do mundo a serviço da hegemonia dominante. Essas antigas relações que permeavam na escola antes, não servem para a sociedade contemporânea, uma vez que ensinar exige a convicção que a mudança é possível. Sobre este aspecto, Freire (1996, p.87) assinala que:

É preciso, porém, que tenhamos na resistência que nos preserva vivos, na compreensão do futuro como problema e na vocação para ser mais como expressão da natureza humana de estar sendo, fundamentos para a nossa rebeldia e não para a nossa resignação em face das ofensas que nos destroem o ser. Não é na resignação, mas na rebeldia em face das injustiças que nos afirmamos.

As mudanças na educação é algo que tem sido presente e muito forte no decorrer da história. Por isso, a escola é desafiada a refletir sobre seu papel no âmbito social, formando alunos com mais habilidades cognitivas.

A educação carece de mudanças, e estas devem atender as necessidades da sociedade. Nesse contexto, o professor precisa conscientizar-se que é um agente transformador e deve intervir nas práticas sociais existentes, com o objetivo de melhorar a qualidade da educação como um todo. Assim, refletimos que a mudança não serve apenas para suprir uma necessidade do ensino, mas para construir e ampliar novos caminhos para a aprendizagem. Caminhos esses indispensáveis à ação do educador consciente e crítico sobre o seu saber fazer educativo.

Não dá para passar despercebidas as exigências necessárias ao ato do saber ensinar, que se dá a partir do momento em que o professor torna-se ponte entre os conteúdos e o discente. É a transformação da prática resultada em sucesso que faz com que o aluno seja direcionado pela trajetória de um processo, construindo nele seus conhecimentos.

A prática de ensinar deve ser mediada pela reflexão-ação-reflexão para que o professor possa intervir nas mudanças necessárias à aprendizagem do educando. Assim, o educador proporciona ao educando a construção do conhecimento a partir do processo ensino-aprendizagem, de modo que estes tenham significado e sentido em sua vida cotidiana, fazendo com que possa intervir no seu meio enquanto cidadão. Em meio a esse contexto, surge a psicanálise com a sua contribuição em relação ao desejo que os sujeitos envolvidos nesse processo apresentam, tanto enquanto aprendente tanto enquanto ensinante. Um em relação ao querer aprender e isso permeia a afetividade e o outro em relação a sua satisfação ao seu exercer profissional.

1.1 CONTEXTUALIZANDO A IMPORTÂNCIA DA DIDÁTICA–PEDAGOGIA DA AFETIVIDADE

A didática busca a qualidade cognitiva das aprendizagens, associadas à aprendizagem do pensar. Sua competência é investigar como auxiliar aos alunos constituíssem como sujeitos pensantes e críticos, capazes de pensar e lidar com conceitos, argumentar, resolver problemas, diante de dilemas e problemas da vida prática. Como reforça Libâneo (2000) que a didática é uma ponte mediadora entre a teoria e a prática docente interligando as informações de estudos teóricos com a ação prática, evitando o espontaneísmo e possibilitando aos professores uma práxis educativa sólida.

O processo de ensinar e aprender não pode ser marcado pela singularidade do sujeito, pois conforme enfoca Benetti, jamais poderíamos saber a totalidade dele. Existem diferenças no contexto no ensinar e do aprender “um processo de ensino-aprendizagem que olhe para o aluno como sujeito, capaz de aprender e apostar fora de formas padronizadas e previstas compreendendo que, sempre é possível modificá-las e recriá-las”(BENETTI, sd, p. 12).

A educação é um processo de humanização contínuo que ocorre no meio, tornando os indivíduos participantes da civilização e responsáveis por levá-lo adiante. A

didática contemporânea compete uma prática social de ensinar, partindo da realidade existente, pois dizem respeito a novos entendimentos da questão do conhecimento no mundo contemporâneo.

O fazer profissional leva o professor reconhecer que é um ser limitado assim como também é o aluno. Nesse processo, ambos os sujeitos precisam se ver para poder explorar novas possibilidades para o seu dia a dia.

Representando sobre o papel do professor à luz psicanalítica considera-se que o educador realmente só pode ocupar esse lugar se tiver a condição de aceitar as limitações do outro de modo que possa trabalhar *junto com*. Isso envolverá as emoções imposta em uma relação, as defesas e resistências surgidas nesse processo para só assim trabalhar dicotomicamente os sentimentos e parte cognitiva em harmonia.

O professor deve permitir que suscite nele outras possibilidades que permitam questionar-se sua relação consigo mesmo e com o ato de ensinar. Para Fernandes (1994, pag. 5), “ensinar é autorizar-se a pensar, é o permitir perguntar”, é deixar o espaço à imaginação e ao prazer de aprender; e em consequência, e só em consequência, ao prazer de ensino.

Se observarmos o nosso meio veremos que vivemos em um espaçotempo rico e complexo que exige muito de nós professores, de nossa doação, de nossa atualização de conhecimentos e, portanto, requer que sejamos pesquisadores uma vez que, o meio e a própria sociedade nos cobra a conta da totalidade e como isso é muito amplo e afunilador, gera angústias. De modo que, a chegada de um novo milênio requer de educadores com visão ampla e atualizada tanto no âmbito social quanto educacional. Por isso, a necessidade de ampliarmos nossas distintas compreensões sobre a complexidade dinâmica da realidade.

O indivíduo está em constante relação com o outro e consigo mesmo. Essas relações são necessárias para que se (re) construam o mundo, a diversidade de fenômenos, processos e movimentos, pois somos autores de nossas histórias de vida e

estamos inseridos em diferentes contextos. Por isso, a necessidade de formulação de novas ideias sobre o que possa ser o campo de atuação e de intervenção enquanto professor sem sair do foco principal que é o sujeito aprendente.

O educador da atualidade deve adotar esta prática pedagógica. As estratégias de ensino-aprendizagem podem ser expostas nas ações efetivas decorrente nas salas de aula e fora dela, quando a aprendizagem ocorre com êxito à compreensão e apreensão do conteúdo, o aluno passa a refletir sobre o que lhe foi proposto.

O fazer docente desempenha um papel social e político insubstituível e que diante de tantas informações rápidas que circulam em nosso meio, esse profissional precisa ser crítico sobre seu próprio exercer pedagógico reativando, (re) descobrindo sua essência. Para que isso ocorra se faz preciso conhecer mais sobre sua identidade e a história sobre sua profissão.

Teríamos que conseguir que os outros acreditem no que somos. Um processo social complicado, lento, de desencontros entre o que somos para nós e o que somos para fora [...] Somos a imagem social que foi construída sobre o ofício de mestre, sobre as formas diversas de exercer este ofício. Sabemos pouco sobre a nossa história (ARROIO, 2000, p.29).

Enfim, cabe ao professor planejar e conduzir continuamente as ações que possibilitem ao educando atividades de ensino, pois, as aprendizagens não se dão todas da mesma forma, tanto por parte do aluno, quanto do objeto de estudo proposto. A saber, ainda que cada ser é único e aprende de forma diferente. Cada um tem seu ritmo de aprendizado.

O professor deve ter apreciação e ser afetuoso com seus alunos, porém não pode esquecer que é um educador e junto a isso é necessário que haja respeito entre o conhecimento dos alunos que trazem muita vivência e informações em sua bagagem, advindos de sua própria realidade.

A afetividade na relação educacional tem sido motivo de discussões e pesquisas principalmente na área da psicopedagogia. Por isso, destaca-se a importância que o professor tem em estabelecer vínculos com o aluno desde o primeiro dia de aula para que o aprendiz possa confiar no professor, refletindo em uma aprendizagem com sucesso. Conforme aborda Chamat (1997, p. 64) quanto ao profissional da educação em relação ao aluno é primordial que “primeiramente estabeleça com ele um vínculo de aceitação e confiança, a fim de eliminar grande parte dos bloqueios que impedem a exteriorização do potencial da criança”. Assim, o nível de afetividade do sujeito determina seu envolvimento nas situações que envolvem o desconhecido.

Como parte integrante e de fundamental importância, a relação afetiva entre o professor x aluno, deve ser encarada com o caminho que viabilize da melhor forma possível o processo de ensino e aprendizagem nela desenvolvida. Nesta ótica, percebe-se a necessidade de um constante movimento dialético no sentido de buscar junto aos envolvidos, uma contínua discussão, um repensar e assim, a própria ação de avaliar o processo em que tal caminho vem se constituindo, bem como, a convivência diária na concretização deste. Além disto, e talvez principalmente analisar a forma como os envolvidos encaram e concebem a relação afetiva.

O trabalho mediante pesquisa realizada foi de fundamental importância no sentido de nos favorecer um maior aprimoramento do tema abordado frente ao problema levantado, assim como, pela construção de um espaço que poderá propiciar junto dos que fazem o âmbito, escolar educacional, a ampliação das reflexões necessários de serem realizadas, como, o levantamento de questionamento ou hipóteses para posterior investigação, ou até mesmo possíveis discussões a serem travados no interior das escolas ou frente ao próprio fazer pedagógico docente.

Para dar início a efetivação do projeto necessário se fez conhecer e diagnosticar através de breves análises a realidade escolar, a qual seria o campo de investigação.

A partir desse diagnóstico pode-se analisar de forma um tanto mais aprofundada, a vida e funcionamento da escola, destacando-se a existência ou não do seu projeto Político Pedagógico, vendo-o como um caminho que torna evidente sua função social, seu processo de democratização de ensino e autonomia.

Partindo da leitura o PPP da escola, encaminha-se, então, às observações na sala de aula em evidência para verificar a forma com os alunos se relacionam com os professores e de igual modo este último com os alunos, verificando se no decorrer desse período há evidências que possamos destacar sobre as transferências ocorridas ou não no processo de aprendizagem e de que forma os estudos psicanalíticos nos darão suporte para efetivação dessa investigação.

Ademais, torna-se evidente que, através de estudos desse tipo, encontramos enquanto professores, uma prática pautada em inquietações, reflexões que nos encaminham a uma constante avaliação do nosso fazer. Caracterizar-se-ia, talvez, na tão difundida ação–reflexão–ação.

1.1.1 Inteligência: Desenvolvimento do Humano

Na concepção de Piaget (apud REVISTA NOVA ESCOLA, 1996, p. 10, 11, 12, 13, 14, 15), a linha pedagógica do construtivismo seria a solução para o estudo e desenvolvimento da gênese do conhecimento. A educação tradicional considerava a criança como ser desprovida de conhecimentos e experiências onde o relacionamento social é unicamente o que liga um professor ao aluno. No construtivismo, o professor deixa de ser um conferencista que transmite soluções já prontas e estimula a pesquisa e o esforço. O educador continua indispensável, a título de animador para criar situações e armar os dispositivos iniciais capaz de suscitar problemas úteis à criança, possibilitando a reflexão.

Esta concepção pedagógica (teórica) parte do princípio que o desenvolvimento da inteligência é determinado pelas ações mútuas entre o indivíduo e o meio. A ideia é de que o homem não nasce inteligente, mas também não é passivo sob a influência do meio. Ao contrário, responde aos estímulos externos agindo sobre eles para construir e organizar o seu próprio conhecimento, de forma cada vez mais elaborada. Esta é a pedagogia moderna.

Trocar a prática tradicional por uma linha de ensino construtivista não é tarefa simples para o professor. Exige flexibilidade e disposição. O professor deixa de ser o “sabe-tudo” e passa a construir pesquisando e vivenciando ações e experiências de sala de aula. O educador precisa ter domínio de sua disciplina para transformá-la em um saber compreensível para a criança.

O emocional da aprendizagem é necessário ao livre fluir da inteligência. A ansiedade e frustração enquanto desgaste, precisariam ser reduzidas ou eliminadas para permitir o que se poderiam chamar de “destravamento” das inteligências. A atuação pedagógica individualizada revela com toda clareza que muitas vezes são necessárias inúmeras sessões para baixar angústias e descobrir interesses de maneira a possibilitar o acordamento da inteligência em crianças com escola traumática. Reforçando essa afirmação Silva (2011) aborda que a emoção junto com o afeto e a cognição rendem grandes dividendos pedagógicos.

Na concepção de Novaski (sd), quando se fala que educar significa “levar de um lugar para o outro” quer dizer que um processo de ensino aprendizagem se dá a partir de quando duas pessoas se encontram e começam a trocar experiências, significando um aumento incalculável de informações havendo um enriquecimento da aprendizagem. Aprender isso é se inteirar profundamente com o mundo humano. O professor que se fundamenta em um processo de ensino aprendizagem se relacionando com os alunos, precisa ao longo dos conteúdos, quaisquer que sejam, planejar e transmitir cuidadosamente para poder desenvolver o prazer em aprender e deve ir sendo vivida essa aprendizagem.

Acreditamos que o relacionamento entre o educando e o educador facilita a aquisição de conteúdos e possibilita uma melhor aprendizagem. A troca de experiências faz com que o aluno seja receptor de uma ampla bagagem transmitida pelo professor. Ainda ressaltamos que um dos pontos que tem importância nesse processo trata-se da afetividade entre essa relação interpessoal dos sujeitos.

Pelo viés psicanalítico, sabemos que o sujeito não nasce com o seu psíquico pronto e estabelecido e que ao longo de sua vida vão sendo construído mediante as relações que têm com as pessoas no seu cotidiano na sociedade, com os familiares e consigo mesmo.

De acordo com a construção do eu, o sujeito busca compreender e ter acesso aos significados do que existe e de suas vivências. Dessa forma, o professor deve aproveitar essa busca do saber do sujeito e valorizá-la, dando-lhe amor, pois é no professor que a criança faz a relação simbólica dos pais. Conseqüentemente, haverá o desejo em aprender.

É impossível negar que na relação entre o professor o aluno há interferências de fatores inconscientes. Se o professor tiver conhecimento sobre esse inconsciente com certeza haverá facilidade em compreender a situação ensino-aprendizagem.

A relação que há entre o educando, a escola e o educador é interpessoal, nem se prioriza o saber. Para Cifalli e Moll (1985), a psicanálise procura relacionar os aspectos cognitivos e afetivos no processo educativo.

Nessa relação permeada pelo amor, insita ser aceita e por isso manifesta o desejo em aprender. Por tantos outros aspectos o professor deve propiciar uma relação com o aprendente conquistando respeito e possibilitando o afeto.

1.1.2 Relação Interpessoal

A forma como o aluno reage a situações no seu cotidiano escolar, como age com as pessoas ao seu redor, a maneira como interage com o outro possibilitando um refletir sobre suas ações, é o que podemos definir como relacionamento pessoal.

Segundo Araújo (2002), é preciso haver uma relação interpessoal entre professores e alunos e que esta relação reflita na democracia e no respeito mútuo.

Para que a criança liberte-se do egocentrismo vai depender de suas relações democráticas baseadas na cooperação, respeito mútuo e na reciprocidade que as crianças e adultos estabelecem entre si. Portanto, podemos afirmar que, porém, se não houver um mínimo de afetividade na relação não haverá o respeito. Todo indivíduo tende a estabelecer uma relação de respeito mútuo quando coopera com seus iguais e quando seus superiores tendem a tornar-se seus iguais.

O educador deve obter o respeito e a admiração de seus alunos e alunas pelo prestígio e pela competência de seus conhecimentos, assim conseguem estabelecer relações baseadas no diálogo, na confiança e nutrir uma afetividade que permite que os conflitos cotidianos da escola sejam solucionados de maneira democrática. Essa admiração do aluno pelo professor faz com que o medo presente na relação não seja o da punição, que passa a não fazer mais sentido, e sim o da perda do respeito pela pessoa de quem gosta.

A idéia de Cunha (1999) é que:

[...] dificilmente um aluno apontaria um professor como bom ou melhor de um curso, sem que este tenha as condições básicas do conhecimento de sua matéria de ensino, ou habilidades para organizar suas aulas, além de manter relações positivas. Entretanto, quando os alunos verbalizam o porquê da escolha do professor, eles enfatizam os aspectos afetivos (CUNHA, 1999, p. 146).

As virtudes e valores do professor que consegue estabelecer laços afetivos com seus alunos repetem-se e intrincam-se na forma como ele trata o conteúdo e nas habilidades de ensino que envolve. “A forma como o professor se relaciona com a sua própria área de conhecimento é fundamental, assim como sua percepção de ciência e de produção do conhecimento. E isto interfere na relação professor – aluno é parte desta relação”(CUNHA, 1999, p. 147). A forma como o professor se relaciona com o que ensina influencia na sua relação com seus educandos, bem como a forma como lida com seus conhecimentos e a didática explorada concomitantemente.

Outro aspecto importante para esta relação é a didática do professor, como este acredita nas potencialidades do aluno, na aprendizagem e com o nível de satisfação do educando. Parece natural que o professor que tem uma boa relação com os alunos preocupe-se com os métodos de aprendizagem e procure formas dialógicas de interação.

O aluno valoriza o professor que é exigente que cobra participação e tarefas. Para os novos alunos atuais, o bom professor é aquele que domina o conteúdo, apresenta formas adequadas de apresentar a matéria e tem um bom relacionamento com o grupo.

O prazer que o professor tem em ensinar, o humor que ele apresenta durante a transmissão de conteúdos, a afetividade com seus alunos dentro e fora de aula, o domínio das informações, a didática empregada são aspectos fundamentais que influenciam no bom relacionamento entre educador e educando.

Na concepção de Carretero (2003), ninguém aprende alguma coisa partindo do nada, mas se usando suas capacidades intelectuais, cognitivas e sociais. É preciso considerar os conhecimentos prévios que cada aluno possui. Um bom caminho é criar problemas, em vez de resolvê-los. Isso estimula o pensamento e deixa brechas para verificar que conceitos estão dominados. O erro é um passo em direção ao saber. Cabe ao professor fazer com que o educando chegue à concepção correta com uma ideia completa do que está sendo aprendido. Essa consciência do que se domina é

fundamental para a aprendizagem. A construção de uma nova ideia sobre um assunto novo é um processo difícil que demora e demanda esforço.

O currículo deve ter menos conteúdos, visto com maior profundidade. É contraditório falar em construtivismo sem pensar em diminuir o volume de informações. Um currículo “inchado” acarreta uma aceleração desnecessária, por causa do excesso de assuntos a tratar. O mais importante é compreender conceitos e usá-lo não decorá-lo. Devemos construir aprendizagens significativas onde o educando sente, com a própria vivência intelectual, o que está aprendendo.

Portanto, observemos que há diversos aspectos que envolvem a relação entre o professor e aluno. As relações interpessoais são de reais significados para compreender o cognitivo do aluno, pois a inteligência emocional que um indivíduo possui sempre estará envolvendo seu meio social, família, escola ou até mesmo trabalho.

O professor deve, portanto, reconhecer que os seres se diferem, que os sentimentos e emoções terão mudança conforme a vivência de cada um. Até aqui, entende-se que “relacionamento interpessoal é uma habilidade do indivíduo, de se relacionar bem com as pessoas com que interage” (MIQUELETO, 2012, p. 07).

A relação interpessoal propicia o desenvolvimento do potencial do aprendente e isso resulta em valorização de suas habilidades imprescindíveis à convivência. O estudioso Spritzer (1998, p. 117) destaca que “a comunicação entre as pessoas de maneira vaga abre espaço para que as pessoas entendam o que quiserem da maneira que quiserem”.

Sem a prática docente, a aprendizagem não se consolida, o que dificulta o desenvolvimento cognitivo. É preciso dar novo sentido à prática, e não eliminá-la. Para aprender não basta compreender.

Segundo a Prof^a Dr. Silvia Roberta da Mota Rocha (apud SILVA, 2011), o professor não deve apenas trabalhar a habilidade que tem, a criança precisa vivenciar todas as áreas. Os professores têm mania de dizer que o aluno “não sabe de nada” ou “sabe menos”. Isso acontece não é por o aluno saber “menos” ou “nada”, mas sim alguma outra criança sabe mais. Muitas vezes as dificuldades que a criança apresenta são reflexos do método cognitivo que o professor trabalha e que não está sendo adequado. Ajudar o aluno não é exigir tudo da criança sozinha, mas facilitar, mediar o alcance ao final do caminho sem dar-lhe respostas.

Segundo o discurso de Jussara Hoffmann (2004), a criança não aprende devido a algum parâmetro, ela aprende sempre, pois progride sua potencialidade humana.

A tomada de consciência progressiva sobre a prática pedagógica no cotidiano escolar é essencial para a promoção do desenvolvimento infantil. Pensando e escrevendo sobre o seu fazer, professores são levados a repensar e reconstruir significados, reorganizando o seu trabalho pedagógico em função do conhecimento cada vez maior das crianças.

O professor deve analisar seu trabalho em três tempos:

- Tempo de admiração, observação e descrição de observação, situações e reações.
- Tempo de reflexão sobre a ação desenvolvida e aspectos do desenvolvimento das crianças.
- Tempo de invenção e replanejamento do fazer pedagógico com base nas reflexões teóricas e nas necessidades do grupo e de cada criança.

É necessário que a criança se sinta segura numa relação não coesiva com o adulto que respeite os sentimentos e direito de outros e coordene os diferentes pontos de vista. Que seja independente, alerta e curiosa; use iniciativa na busca de

curiosidade, tenha habilidade para chegar à compreensão das coisas por si mesma e expresse seu pensamento com convicção. Deve valorizar a criança como sujeita do seu próprio saber.

Segundo Morales (2003), tudo é relação e comunicação; até mesmo o modo de olhar os alunos diz algo sobre ele. É preciso que o mestre amplie a sua visão e perceba com conscientização que o aluno aprende a cada segundo. Seja de maneira formal ou não-intencional, de modo que haja respeito e reflexão sobre o que é aprendido. Precisamos vigiar nossas ações e palavras porque muitas vezes ensinamos sem querer e isso é o mais importante e o mais permanente do processo ensino-aprendizado e essa frequência por sua vez depende em boa medida do estilo de relação que estabelecemos com os alunos dentro e fora da sala de aula.

Há duas características necessárias para que um professor seja modelo de identificação: ser um bom professor (considerado pelos alunos) e ser bem aceito por eles. Essa aceitação afetiva será muito importante para que a mensagem dita chegue aos alunos, quer seja negativa ou positiva.

O professor ideal não existe, mas há muitas maneiras de ser um bom profissional mantendo um bom relacionamento com os alunos e de influenciá-los de maneira muito positiva. Dependendo do nível de idade do aluno, ele identifica o professor de acordo com suas características (segundo a visão do aluno), mas estes reconhecem que não há perfil único para o bom professor, pois cada um é diferente do outro, mas que devem respeitar o educando o tempo todo.

Incompletude. Essa é a palavra que tem muito significado segundo a visão da psicanálise quanto à relação do ensino, em outras palavras, a psicanálise explica que seria impossível que acontecesse o ensino de forma que abrangesse tudo da mesma maneira com todas as pessoas, já que ninguém consegue aprender tudo, pois uma perfeição no relacionamento entre professor e aluno é difícil de acontecer. Todo docente deve fazer uma análise de sua profissão, pois é sempre possível revisar nossa

conduta, como professor, que se deve praticar esta relação em didáticas e caráter relacional.

Não somos seres completos. Desejamos a completude, porém temos a certeza da incompletude. Os estudiosos psicanalíticos Bairon e Petry (2000, p.95) informa que “a incompletude presentifica-se na compreensão. Ela demonstra a diversidade da estranheza do ser consigo mesmo daquela que é o fruto do uso dos objetos que estão no mundo”. Essa justificativa reforça o quanto é imprescindível que o professor busque se completar, aprimorar suas metodologias, sua didática e abranger seus conhecimentos.

O professor deve preocupar-se em ser boa pessoa e amável com os alunos, mas deve-se manter uma eficaz relação didática com eles, pois assim dar-se-á a boa relação professor-aluno. O mencionado profissional não deve ser apenas bonzinho, deve exercer sua tarefa didática, caso contrário, ambos deixarão de aprender coisas importantes e o aprendizado padecerá. É preciso motivação em sala de aula onde o educador é orientador, mostra entusiasmo, elogia, estimula e transmite confiança e satisfação.

Quando passa a observar as necessidades do educando, o professor deve manter conduta verbal (como se comunica) e não-verbal (gestos, sorrisos) conscientizando-se que tudo é relação expressada de muitas maneiras de forma natural e espontânea.

O docente precisa sentir e ter sua autonomia para que sinta o ambiente de paz no trabalho, isso implica longe de pressão porque ele precisa se sentir seguro, pois nesta influência professor – aluno - professor o que importa não é o que o professor faz e sim, o que o aluno percebe a ideia e imagem que forma do professor. De maneira que se deu a enfatizar que a primeira impressão é a que fica tanto para nós, professores, como também para nossos alunos, então dá-se a primeira avaliação e dela depende a boa relação, a não-relação ou má relação subsequente. Essa impressão é importante,

pois pode acontecer de transmitir uma mensagem (imagem) diferente daquela que imaginamos transmitir e da qual não estamos conscientes.

Os primeiros dias de aula são fundamentais para o bom andamento do curso já que os alunos estão bastante atentos ao que o professor quer dizer. Então, devemos aproveitar e levar em conta a motivação e propiciar uma boa relação desde o início, pois se estes primeiros contatos são importantes para os alunos para nós, professores, também permeia ser. O docente deverá ter consciência do tratamento diferencial que pode dar ao aluno de modo que, deseja-se do aluno ou espera-se dele e com ele se é diferente e de maneira direta está se contribuindo para a motivação e rendimento do aluno. Se ele fracassa, o fracasso inicial é nosso, como professores. Nossa reflexão e auto-avaliação devem ser feita constantemente se ajudamos a todos por igual ou temos tratamento especial com outros. Todos têm muito dentro de si e têm um conhecimento a passar, cabe ao professor valorizar o indivíduo como ser único.

Muitas vezes, a criança apresenta dificuldade na aprendizagem, segundo Violante (1995), porque não houve investimento no eu no exercer no seu pensar, essa atividade por não ter sido investida ou reconhecida. E para que o infante desenvolva seu eu desperte seu desejo em aprender, alguém, seja professor, pais ou outros adultos, é preciso investir nela dando-lhe amor, valorizando suas potencialidades e reconhecendo seu valor, para que resulte no eu fortalecido.

Diante de tais informações, verificamos a demasiada importância que tem o professor na valorização do conhecimento do aluno, destacando as potencialidades individuais. Seu papel é primordial para fortalecer a estima do educando em prosseguir aprendendo por mais que surjam as dificuldades, mas o bom profissional da educação, inconscientemente, faz um trabalho que estimula o educando na busca de superar o que ainda não foi aprendido.

1.2. ENSINO X APRENDIZAGEM: O PAPEL DO PROFESSOR

A educação tem sido transformada no decorrer da história mediante a necessidade de cada época em que o meio se insere. No que diz respeito à atualidade, a própria sociedade está pressionando a educação para que haja mudanças de suas práticas pedagógicas.

A competência do professor no século XXI está marcada pela consciência no que se refere a educação, sociedade, homem, compromisso social. E atualmente, enfatiza-se que o professor não apenas ensina, como também aprende com seu aluno. Conforme Lacan (1953-1954) refere-se e Santo Agostinho ao declarar que “mesmo quando se quer aprender e se pergunta para aprender, ensina-se ainda, porque se ensina àquele a quem nos endereçamos em que direção se quer saber” (pag. 284)

Mais uma vez, vemos aqui a relação interpessoal, onde o professor deve observar seu aluno não só enquanto aprendiz, mas também este último deve se sentir como contribuidor no fazer do educador. Quando o aluno sente que também sua contribuição é dada como importante pelo professor, sente-se motivado em aprender.

Portanto, o professor desempenha um papel ímpar como transformador do meio, levando em consideração que o outro está em constante mutação e que os seres se inserem em diversas situações cotidianamente. Dessa forma, fica mais clara a relação professor e aluno quando este primeiro passa a compreender que o educando é passivo de mudança e que essas mudanças são decorrentes, em sua maioria, do meio social o qual o indivíduo está inserido.

O papel do professor vai muito mais além do apenas lecionar. Observar o comportamento e suas mudanças no aluno deixa o professor com um olhar mais aguçado para não ignorar as transformações que ocorrem no meio social e analisa cada discente como um ser individual inserido em situações que, até possam ser

semelhantes, mas os seres continuarão sendo únicos. Assim, o educador apresenta a postura de responsável pela mudança histórica que advém do contexto educacional.

Considerando cada indivíduo, único, é interessante que junto aos conhecimentos psicanalíticos o professor saiba que o educando absorvendo ao longo de sua trajetória, símbolos e imagens que ficam ameaçados quando a pessoa se depara com um novo conhecimento, um novo aprendizado, um novo saber, como aborda Mrech (1994, p.34), “o processo de ensino-aprendizagem acaba sendo um processo duplo de construção e desconstrução ou destruição do saber. Para saber algo novo, temos que abandonar os velhos símbolos e as velhas imagens”.

Ao refletirmos sobre as imagens e símbolos que circulam na vida do ser humano, é necessário realizar uma análise e toda essa resulta em dores. Nesse processo, convém considerar o desejo do indivíduo. Para que haja compreensão nessa construção “é preciso ir para trás do sujeito, para trás do indivíduo, perceber que o desejo contém uma outra história, que ele fala por uma outra história, presente no processo de aprendizagem” (STEIN,1993, p. 41).

De modo que, na aprendizagem devemos considerar que encontra-se a história do desejo que nela está sendo contada, o que abrange um leque de possibilidades que amplia melhor as interferências e implicações nessa relação de ensino – aprendizagem.

Atualmente, a grande tarefa do professor vai além de instruir, mas educar o alunado como pessoa humana, que vai ser inserida no mercado de trabalho voltado para a tecnologia. A educação perpassa a escola, onde esta não pode educar destituindo o conhecimento da compreensão do homem real. Uma visão que desperta no professor o gosto pela arte de educar e no aluno desperta o gosto pela aprendizagem.

Para alcançar uma prática educativa de sucesso que resulte num processo eficaz da aprendizagem, é preciso uma reflexão sobre a aprendizagem discente e que

se ampliem as discussões a fim de conscientizar a todos que estão envolvidos com a importância do saber ensinar no contexto escolar.

O ato de ensinar exige do professor uma perpétua reflexão a cerca de sua prática, de forma que esteja também consciente que precisa estar em constante formação para aperfeiçoar seu aprendizado, seus conhecimentos, uma vez que estes se modificam continuamente possibilitando novas formas de ensinar aplicada a metodologia.

À medida que o professor se expõe a novas metodologias, novas técnicas de ensino, busca novos saberes e mecanismo, sua prática torna-se crítica, levando a realizar a ação e um (re) pensar sobre esta ação. Com tantos avanços tecnológicos, é necessário que o aluno construa de forma autônoma uma maneira de pesquisar, elaborar e acomodar os conhecimentos que lhe são oferecidos pelo professor. O desafio do professor é o de tornar-se um orientador capaz de avaliar e auxiliar seus alunos na busca por esta autonomia.

Para que o ensino e aprendizagem sejam satisfatórios, o professor deve se adequar as necessidades e as dificuldades em que o alunado está inserido. Assim, ensinar é enfrentar desafios, diferenças, é arriscar a fazer o novo, é uma eterna tentativa, é lutar pela igualdade social dentro da sala de aula e fora dela.

O professor deixou de ser visto como detentor do saber e na era da pós modernidade passa a comungar com o aluno de todo saber construído e adquirido. Por essa importância, concordamos com Freire (apud GADOTT, 2001, p.29) quando afirma que

Por isso não podemos nos colocar na posição do ser superior que ensina um grupo de ignorantes, mas sim na posição humilde daquele que comunica um saber relativo a outros que possuem outro saber relativo. O amor é uma intercomunicação íntima de duas consciências que se respeitam. Cada um tem o outro, como sujeito de seu amor. Não se trata de apropriar-se do outro.

Segundo Freire (1996), o ato de ensinar exige que o educador saiba escutar. Isso é um dos grandes desafios para o profissional, pois vivemos em uma sociedade onde a fala é a principal ação das pessoas. A escuta é pouco exercida. A fala é imediatista. O professor deve ser crítico e ter ética, ser um pesquisador, ter humildade, tolerância, segurança do que se fala, competência profissional, generosidade. É preciso compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo, propõe liberdade de autoridade.

O educador deve gostar do que faz, gostar dos educandos e estar sempre disponível ao diálogo. Nesse processo de ensino e aprendizado o professor deve ensinar aquilo que o educando precisa saber, enquanto sujeitos situados no determinado contexto social e histórico, capazes de intervir no meio sendo agentes de mudança. Desse modo, concordemos com Freire (1983) quando afirma que a educação é um meio de intervir na realidade e que para ensinar é necessário se ter a convicção que se é possível mudar.

Para lidar com as dificuldades de seu exercer pedagógico, uma das estratégias seria que o educador torne-se um motivador. A motivação é própria do ser humano e é um elemento catalisador da aprendizagem. O aluno deve sentir desejo, sentir-se motivado em ir à escola e ainda sentir-se tranquilo e confiante na sala de aula junto ao professor para que o educando acredite que possui um papel importante na transformação da sociedade. O ambiente não deve ser vista só como lugar de aprendizagem.

A palavra motivação é derivada do latim *move*. Está relacionada a levar uma pessoa a fazer algo. Segundo Murray (1986, p. 20), a motivação representaria "um fator interno que dá início, dirige e integra o comportamento de uma pessoa". Esta noção que vincula a motivação a uma energia interna é também compartilhada por outros teóricos. Para Garrido (1990), a motivação é um processo psicológico, se origina no interior do indivíduo e que o empurra, o impulsiona a uma ação. Um professor que realiza suas aulas com prazer no que faz, busca inovações em suas metodologias e é

dinâmico, propõe ao aluno uma motivação mesmo que de forma inconsciente que o leva a ter interesse na aprendizagem, em conhecer o desconhecido.

No texto *Algumas Reflexões sobre a psicologia do escolar*, Freud (1914, p.248) nos conduz a analisarmos sobre relação entre o professor e o aluno, discurso que “A psicanálise nos mostrou que as atitudes emocionais dos indivíduos para com outras pessoas que são de tão extrema importância para seu comportamento posterior, já estão estabelecidas numa idade surpreendentemente precoce”.

A afetividade, portanto, é um elemento essencial no “desabrochar” da motivação, principalmente na relação professor-educador e aluno para o processo do ensinar e aprender. A prática afetiva está relaciona-se com a capacidade que o professor-educador tem de se preocupar com seus alunos, de reconhecê-los como indivíduos autônomos, com uma experiência de vida diferente da sua, com direito a ter preferências e desejos nem sempre iguais aos seus.

Sena, Macedo e Soares (2012) relatam em uma de suas pesquisas que processo de aprendizagem é o modo como os seres adquirem novos conhecimentos, desenvolvem competências e mudam o comportamento. Alguns estudiosos afirmam que a aprendizagem é um processo integrado provocando uma transformação qualitativa na estrutura mental daquele que aprende.

Na aprendizagem, o aprendiz absorve as informações através de técnicas de ensino ou pela simples aquisição de hábitos. O querer aprender é uma característica essencial do psiquismo humano, pois só este tem a intenção de aprender; dinamismo por estar sempre à procura de novas informações; buscando novas formas de melhorar a sua própria aprendizagem.

Todos nós tendenciamos ao aprendizado, precisando apenas de estímulos externos ou internos para que se realize. Alguns aprendizados nascem com o próprio sujeito como falar, andar, por exemplo. Outros são necessários que haja estímulo,

motivação para que ocorram. Geralmente, a aprendizagem ocorre no meio físico e social em que o sujeito está inserido. Antunes (2007, pag.32) afirma que

Aprender é um processo que se inicia a partir do confronto entre a realidade objetiva e os diferentes significados que cada pessoa constrói acerca dessa realidade, considerando as experiências individuais e as regras sociais existentes.

Uma aprendizagem significativa requer do professor algumas ações.

Vejamos:

- Conhecimento sobre quem é seu aluno é, seu anseio, os saberes que carrega como fruto das experiências que viveu, como este aluno se relaciona com as regras sociais existentes. Portanto, o sentido “conhecer” o aluno não se restringe à capacidade de identificá-lo ou nomeá-lo, mas de se perceber capaz de viver seu mundo, sua realidade.
- Dominar o conteúdo que vai transmitir, sendo capaz de percebê-lo em sua essência, isto é, na realidade objetiva do momento. Um saber somente importa ser ensinado quando instiga o aluno a uma associação ao mundo que vive a realidade com a qual convive os saberes que já acumulou.
- Aferir junto aos alunos esse processo de associação. É evidente que um conceito de ensino voltado para o domínio de uma informação ou de uma instrução permitiria que a avaliação se processasse em períodos de tempo espaçados.
- Favorecer situações em classe nas quais o aluno se sinta à vontade para expressar suas opiniões, seus pontos de vista e seus sentimentos.
- Compartilhar com a classe a busca de soluções para problemas sugeridos com um determinado conteúdo, com o professor, com o programa ou com os colegas.
- Respeitar e fazer respeitar diferenças de opinião.
- Incentivar a participação, a iniciativa, a cooperação dos alunos com os colegas.
- Demonstrar que há explicações diversas para um mesmo fenômeno observado
- Relacionar os temas estudados com as vivências dos alunos.
- Ser flexível e capaz de adaptar a programação.
- Solicitar a colaboração dos alunos.

- Relacionar os temas estudados com as vivências do aluno.
- Incentivar os alunos a buscar novas informações.
- Esclarecer ao aluno no início do curso ou da unidade os critérios de avaliação que serão utilizados.

Concordamos com Piaget (2002) quando afirma que nós adquirimos o conhecimento e que este é estimulado a partir das experiências que vivenciamos e participamos delas ativamente.

Existem concepções diferentes a respeito do processo ensino-aprendizagem sintetizadas a seguir:

1. Abordagem tradicional

A ênfase é dada às situações de sala de aula, onde os alunos são instruídos, ensinados pelo professor.

Em termos gerais, é um ensino que se preocupa mais com a variedade e a quantidade de noções, conceitos e informações do que com a formação do pensamento reflexivo.

A expressão oral do professor tem um lugar proeminente cabendo ao aluno a memorização desse conteúdo verbalizado.

Existe a preocupação com a sistematização dos conhecimentos apresentados de forma acabada.

2. Abordagem comportamentalista

Ensinar consiste num arranjo e planejamento de condições externas que levam os educandos a aprender. Para Mizukami (1986) o professor deve planejar e desenvolver o sistema ensino e aprendizagem de maneira que o desenvolver do educando seja ampliado.

Os comportamentos esperados dos alunos são instalados e mantidos por condicionantes e reforçadores arbitrários, tais como: elogios, graus, notas, prêmios, reconhecimentos do mestre e dos colegas, associados a outros mais distantes, como: o diploma, as vantagens da futura profissão, possibilidade de ascensão social. etc

Os elementos mínimos a serem considerados num processo de ensino são: o aluno, um objetivo de aprendizagem e um plano para alcançar o objetivo proposto.

3. *Abordagem humanista*

O ensino está centrado na pessoa, o que implica orientá-la para sua própria experiência para que, dessa forma possa estruturar-se e agir.

A atitude básica a ser desenvolvida é a de confiança e de respeito ao aluno.

A aprendizagem tem a qualidade de um envolvimento pessoal. A pessoa considerada em sua sensibilidade e sob o aspecto cognitivo é incluída de fato na aprendizagem.

A aprendizagem nesta abordagem é significativa e penetrante. Suscita modificação no comportamento e nas atitudes.

4. *Abordagem Cognitivista*

O importante é como ocorrem a organização do conhecimento, o processamento das informações e os comportamentos relativos à tomada de decisões.

Segundo Arnaldo Diniz (2013) as pessoas lidam com os estímulos do meio, sentem e resolvem problemas, adquirem conceitos e empregam símbolos verbais.

Todo sujeito tem suas experiências e vivências ao longo de sua história de vida. Diante disto, o professor deve considerar e priorizar as atividades do aluno, uma

vez que este está inserido numa situação social. Essa situação vai diferir de sujeito para sujeito (NICOLETI, 2013).

O ponto fundamental do ensino, portanto, consiste em processos e não em produtos de aprendizagem, pois essa só se realiza quando o aluno elabora seu conhecimento. Isso porque conhecer um objeto é agir sobre ele e transformá-lo.

Não existem currículos fixos. Antes são oferecidos às crianças situações desafiadoras, tais como jogos, leituras, visitas, excursões, trabalho em grupo, arte, oficinas, teatro, etc.(Arnaldo Diniz. 2013))

5. Abordagem sociocultural

Conforme Gomes (2012), uma situação de ensino-aprendizagem, entendida em seu sentido global, deve procurar a superação da relação opressor-oprimido através de condições tais como: socializar-se com o oprimido, o que implica assumir a sua situação;

Transformar radicalmente a situação objetiva geradora de opressão; diferentes opções sobre ensinar e aprender (COSTA, 2010).

A educação problematizadora busca o desenvolvimento da consciência crítica e da liberdade como meios de superar as contradições da educação tradicional.

Educador e educando são, portanto, sujeitos de um processo em que crescem juntos, porque “ninguém educa ninguém”, ninguém se educa (Paulo Freire).

A educação é um constante ato de desvelamento da realidade, um esforço permanente, através do qual homens vão percebendo criticamente como estão sendo no mundo (FREIRE, 1996).

Como a aprendizagem se dá na interação permanente do sujeito com o meio que o cerca, lançou-se luzes sobre a relação vincular professor-aluno, através de:

Freud (1999), analisando o processo de ensino-aprendizagem, tendo como pressuposto a questão da transferência na relação entre professor-aluno, mostrando que as relações estabelecidas fazem parte de uma dinâmica inconsciente, calcada na relação vivida com os pais no início da vida.

Piaget (1996), colocando o aspecto afetivo como elemento dinâmico e básico da aprendizagem, afirmando que a afetividade e a inteligência se movem compassadamente.

Diante das abordagens supracitadas, vemos então a forma como é abordado o ensino aprendido em cada uma delas, visto que temos enquanto meta analisar as vertentes de relação que possa existir entre o educador e o educando na sala de aula, levando em consideração seu contexto ainda enfocamos se há afetividade entre os sujeitos abordados. O que nos dá liberdade para analisamos a forma como a psicanálise aborda tais aspectos, destacando relevâncias psicanalíticas investigando os pontos que entrelaçam entre a transferência existente na sala de aula e sua interferência no aprendizado.

1.3 FREUD E A PEDAGOGIA

A cultura influencia na formação do indivíduo, mas a psicanálise não é derivada da cultura. No entanto, o estudo psicanalítico não dispensa o contexto cultural que a envolve e que a influenciou, conforme aborda Couto(2003).

O trabalho da educação é limitado, pois existe uma organização determinada na própria sociedade que o indivíduo deve seguir o que já foi traçado hereditariamente. Portanto, no momento em que a educação interfere acelerando o seu ritmo, torna-se-a mais ou menos perigosa. É a partir desse fato que pais e professores erram em reprimir

o aluno quando revelam suas pulsões sexuais desde a infância. Conforme Cifali e Imbert(1999, p.28),“O que pode causar sérias doenças neuróticas e que, ocasiona uma repreensão que instala a propensão a entrar mais tarde na neurose”.

É mais cômodo impor modificações aos poucos na nossa cultura que melhor assegurem a satisfação de nossas necessidades, porém não podemos esquecer que das dificuldades inerentes a essência da cultura e que não cederão a nenhuma tentativa de reforma.

Tanto os pais quanto educadores precisam ter mais tolerância com os adolescentes porque eles não são iguais e nem devem seguir a um modelo de comportamento, como desejam. Eles agem no sentido que esperam que a formação da criança resulte em um ser assexuado que transmita-lhe paz, destruindo nelas, assim, o “prazer-desejo de viver”.Cabe a educação, favorecer os processos que podem instigar o indivíduo a reprimir-se, favorecendo a condução de um bom caminho.

Em suas declarações, Freud deixa clara sua incompetência quanto à psicanálise com olhar específico para a educação, pois não domina essa área, deixando aos professores essa abordagem, sem que o autor possa intervir. Para tanto, os professores fazem uso do recurso dos estudos de Freud para compreender melhor a problemática da transferência e ego.

Não há porque formar crianças revolucionárias, dóceis. Em relação àquelas crianças “com o máximo possível de sanidade e de capacidade de ação” evocada por Freud (1998, p. 45), os próprios professores rotularam à criança e submetem-na a qualquer interdito de pensar.

A educação psicanalítica promove o respeito, reconhecendo os limites da criança, levando em consideração sua realidade e pulsões, sem modelá-la reprimindo sua inteligência. Prepara o indivíduo para sua independência com relação às autoridades.

Toda criança deve aprender a dominar suas pulsões para que ela tenha liberdade. Mas realizando um paralelo entre a psicanálise e a psicologia, vemos que os psicólogos se inclinam a tratar as crianças com “as melhores intenções do mundo, como um material de observação e de experimentação, [...] devesse se lembrar da necessidade da proibição sem a qual o desejo da criança permanece letra morta”. (CIFALI; IMBERT, 1999, p. 46).

A aplicação da psicanálise na educação deveria partir pela a análise dos professores e não a partir dos alunos, pois partindo dos educadores pode-se analisar sua tão complexa tarefa, levando em consideração o amor que deve ser um ponto enfatizado na justa medida entre os sujeitos, mas sem que o educador perca sua autoridade, o que difere de autoritarismo.

Bom seria se a análise fosse realizada como ponto de partida entre os pais dos alunos porque só após a análise eles saberiam como se portar diante de acontecimentos e situações que dantes desconheciam. Passando a tratar os filhos com maior compreensão.

Apesar de Freud não deter do conhecimento da psicanálise com a aplicabilidade à educação, a sua filha Anna Freud passou a focar seus estudos sobre a aplicação da psicanálise à pedagogia, á educação da próxima geração. A psicanálise oferece à pedagogia a sua contribuição teórica, mas cabe a essa última inventar as condições de emprego desse saber ao seu campo.

Se o educador tem desejo em desvendar a caixinha de surpresa que é seu aluno, deve, primeiramente ser ele o analisado, e se educar-se porque seu próprio inconsciente determina sua ação educativa. Freud é totalmente a favor que o profissional da educação aplique conhecimentos psicanalíticos em seu fazer pedagógico, pois

se o educador aprendeu a análise mediante a experiência feita com sua própria pessoa e pode ser levado a utilizá-la em casos-limite ou mistos para alicerçar seu trabalho, é preciso manifestamente que lhe seja concedida a liberdade de exercer a análise, não se tendo o direito de pretender impedi-lo de exercê-la por motivos mesquinhos.(FREUD, (1913,apud CIFALI; IMBERT, 1999, pág.54)

Reforçando a afirmação supracitada, para o autor o mais importante não é a formação em psicanálise para os médicos, mas sim os leigos têm muito a dar significados e aplicabilidade ao fazer psicanalítico. Para o estudioso em questão, o pedagogo tem importância crucial na educação.

Freud (1913 apud CIFALI; IMBERT, 1999, p. 63) acrescenta que “os educadores devem resistir à sua vontade de criar crianças-modelo que os deixem em paz [...]”.Ele põe aos cenários imaginários da educação a importância da fala por meio da qual a criança possa “ousar” dizer seu sofrimento.

1.4A PSICANÁLISE

A psicanálise é uma técnica de tratamento psicoterápico criado e desenvolvido pelo judeu-austríaco Sigmund Freud no início do século XX. Trata-se de uma conversação que o paciente desenvolve com o psicanalista relatando suas experiências de vida. O cliente fica deitado em um divã. O tratamento visa fazer com que o indivíduo conheça a si mesmo, identificando suas fraquezas e a causa de suas angústias e conflitos, podendo assim, curar-se.

Sigmund Freud teve sua experiência frustrada com a hipnose, percebeu que o sujeito possuía uma instância psíquica, além do consciente, de difícil acesso responsável pelos sintomas e males que o acometiam, sendo denominado de inconsciente. O estudioso percebeu que a cura não se manifestava porque os sintomas retornavam depois da hipnose ou se convertiam em outro sintoma. Daí, Freud percebeu que tinha que descobrir a causa do sintoma e não apenas tratar o sintoma. É onde cabe

as ações do profissional reconhece que existe no sujeito algo interno além do racional, do lógico, do temporal que comanda e rege muitas vezes a nossa vida, os nossos atos, emoções, fala, relações e inclusive doenças, que é inconsciente.

Freud tentou fazer da psicanálise uma ciência. Porém, não se podia fazer ciência de um sujeito. A psicanálise só é possível existir onde haja ciência. Porém, a psicanálise não é considerada como algo científico, mas como uma ética.

Na psicanálise, como é pleno de sentidos que escapam, muitas vezes, às apresentações dos sintomas, a ética não está voltada para o bem-estar do paciente. Volta-se, sim, para o desejo do inconsciente, pois é dele que se procura qualquer terapêutica. Os profissionais devem desenvolver algumas posturas eticamente importantes como, por exemplo, se colocar a serviço do paciente com a intenção de ajudá-lo, a saber, mais sobre si próprio para poder se situar como responsável real por suas decisões.

Para abordarmos psicanálise é conveniente que tomemos como definição a contribuição de COHEN (1991,p.35):

O termo 'psicanálise' refere-se a uma teoria da estrutura e função da personalidade; a aplicação desta teoria a outros ramos do conhecimento; e a uma específica técnica psicanalítica. Esse corpo de conhecimento é baseado nas descobertas fundamentais de psicologia feitas por Sigmund Freud e derivam delas.

Com a finalidade de mobilizar aspectos inconscientes envolvidos nos pedagógicos, para que a circulação do saber fizesse presente, recorreremos a alguns fundamentos da teoria psicanalítica, relacionando-os como fazer do professor e com o movimento do ensinar e da satisfação dos sujeitos envolvidos.

Conforme é abordado por Couto (2003) no livro Psicanálise e educação, a psicanálise não é derivada da cultura, mas sua originalidade não dispensa o contexto cultural que a envolve e que a influenciou.

Realizando algumas leituras sobre educação na época de Freud, percebe-se que a Psicanálise nasce articulando-se com o conhecimento acumulado pela sociedade, deixando-se influenciar pelas produções culturais da época presentes também no conhecimento que lhe era transmitido por seus professores.

A Psicanálise pode acrescentar de maneira bastante significativa com os mais variados campos do saber. Como ela é sinônimo de “ciência do inconsciente”, acaba permitindo livre acesso ao inconsciente do sujeito, buscando a expressão de um significado. Segundo COHEN (1991, P.35) “A psicanálise tenta demonstrar a relação e os elementos irracionais que o ser humano tem e que usa para poder adaptar-se à realidade [...] Assim sendo, a Psicanálise não é apenas um processo terapêutico que ocorre nos consultórios, mas também um instrumento de pesquisa em outros campos”.

Dessa forma, a Psicanálise possibilita a percepção do meio e a realidade do sujeito, buscando uma adaptação deste último com o ambiente ao qual está inserido. Assim, acreditamos que esta ciência propicia ao professor um acervo riquíssimo de conhecimento que envolve defesas, ansiedades e fantasias, levando-o a uma ação bem mais instrumentada e assumida com autoridade, criatividade e liberdade.

De modo que se faz necessário compreender a importância dessa área para as mais diversas outras linhas do conhecimento auxiliando todos os indivíduos. Conforme aborda Music (2005, p.6):

A prática psicanalítica almeja ajudar as pessoas tanto a se tornar mais conscientes do seu funcionamento emocional como a desenvolver uma capacidade maior de tolerância e convivência como uma gama mais ampla de experiências emotivas.

Por essa justificativa, abordamos que o principal objeto da psicanálise é resultado de um somatório que ver a ser pessoa+comportamento+estrutura psíquica= o inconsciente. Este é extremamente subjetivo e por isso que o viés psicanalítico sem ele não existe.

A psicanálise e educação estão envolvidos com a formação do ser “eu”, por isso o primeiro conceito a se focar é a transferência que se não ocorrer não haverá educação. Por esse fato, o conhecimento e relações estão durante todo o tempo no processo de ressignificar, que é dá um novo significado aquilo que se conhece.

É-nos ensinado através da psicanálise que é necessário esquecer o sabido para lembrar o esquecido. O esquecido é que foi proibido. Interrompido na infância e que vai marcar o passo e o descompasso de cada sujeito.

CAPITULO 2 - RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO E APRENDIZAGEM: A SATISFAÇÃO DO EU DOS SUJEITOS NA VISÃO DA EDUCAÇÃO E DA PSICANÁLISE

Segundo o que diz o senso comum a definição do que seja educador é: “educador é educador é aquele que ensina” e o “educando é aquele que aprende”. Mas definir esses sujeitos vai além dessas definições, pois se assim fosse, não tínhamos razão para realizar investigações para ressignificá-los. Seus conceitos e significados já estariam prontos, histórico e socialmente. Apenas perderíamos tempo na compreensão e reflexão de quem são esses sujeitos da prática da educação.

Para iniciarmos o nosso diálogo sobre a satisfação do eu dos sujeitos, é primordial que entendamos o significado do eu. Tomaremos como base a visão Freudiana que nos esclarece que nossas ações no dia a dia são movidas pelo que está em nosso consciente e inconsciente também. Heimann (1969) afirma interpreta o entendimento de Freud da seguinte maneira:

Freud comparou o funcionamento da mente, o mais complicado órgão, com o funcionamento do mais simples organismo, a ameba. A vida é mantida através da admissão num organismo da matéria estranha, mas útil, e da descarga da sua própria, mas perniciosa matéria. Admissão e descarga são os mais fundamentais processos de qualquer organismo vivo. A mente, que também faz parte de um organismo vivo, não constitui exceção a essa regra: realiza a adaptação e o progresso mediante o emprego, ao longo de toda sua existência, dos processos fundamentais de projeção e introjeção. As experiências de introduzir alguma coisa no Eu e de expelir alguma coisa do Eu são eventos psíquicos de primeira grandeza. (HEIMANN, 1969, p. 143)

O inconsciente é denominado pelo estudioso por *id*, que significa “isso”. Em nosso *id* se encontram os desejos, emoções e vontades que foram inseridas por nosso consciente.

A porção consciente, Freud nomeia de *Ego*, ou seja, significa “eu”. Ele é preenchido por todas as regras morais. Todas as normas que nossa psique absorveu ao longo de nossa vida e que muitas vezes os nossos pensamentos rejeitam porque fere a nossa ética, o psicanalista nomeia de *superego*. De posse das breves informações expostas anteriormente, entenderemos com mais clareza sobre a satisfação dos sujeitos a serem explorados a seguir.

Se observarmos o nosso meio veremos que vivemos em um espaço tempo rico e complexo que exige muito de nós professores, de nossa doação, de nossa atualização de conhecimentos e, portanto, requer que sejamos pesquisadores uma vez que, o meio e a própria sociedade nos cobra a conta da totalidade e como isso é muito amplo e afunilador, gera angústias. De modo que, a chegada de um novo milênio requer de educadores com visão ampla e atualizada tanto no âmbito social quanto educacional. Daí, a necessidade de ampliarmos nossas distintas compreensões sobre a complexidade dinâmica da realidade.

O indivíduo está em constante relação com o outro e consigo mesmo. Essas relações são necessárias para que se (re) construam o mundo, a diversidade de fenômenos, processos e movimentos, pois somos autores de nossas histórias de vida e estamos inseridos em diferentes contextos. Por isso, a necessidade de formulação de novas ideias sobre o que possa ser o campo de atuação e de intervenção educacional e psicanalítica sem sair do foco principal que é o sujeito aprendiz.

É de grande interesse para o professor que procure conhecer mais detalhado o sujeito cognoscente, pois ele será alvo de suas atenções e se relacionará procurando alcançar seus objetivos educacionais. Ainda mais em saber o aprender ainda se inicia enquanto no ventre materno, como explica Music (2005)

Muitos estudos mostraram que o aprendizado ocorre mesmo dentro do útero, e se sabe que os bebês não só se lembram de vozes específicas, como a dos pais, mas também demonstram, após o nascimento, preferências claras por certas histórias ou músicas que ouviram dentro da barriga (MUSIC, 2005, p. 25).

É impossível que a psicanálise promova uma revolução na área educacional, mas suas contribuições auxiliam de modo bastante considerável para compreendermos determinadas situações que permeiam a sala de aula.

A educação nos leva a refletir que só aprende àquele que se propõe a aprender e que a isto está ligada a afetividade e amorosidade entre professor e aluno. Explica a necessidade que temos de nossas vivências serem investigativas sobre nossas próprias modalidades de aprendizagem.

Por esse motivo, o professor que ama o seu exercer, ama ao seu aluno e está disposto a ajudá-lo em suas dificuldades de aprendizagem. Este é o ato de ensinar. Dar de si. Colocar-se no lugar do outro, como já afirmava o estudioso Paulo Freire (2001, p.29)“não há educação sem amor!”.

Ler, buscar novos conhecimentos e atualizações nos possibilita renovar o conhecimento e investigar em diversas fontes e contribuições teóricas amplia a nossa visão nos possibilitando fazer novas reflexões para contextualizar, recuperando memórias e fomentando diversas potencialidades para o desenvolvimento de exercer nosso pensamento em relação as nossas formações e atuações. Tudo isso nos instiga a expandir nossa maturidade profissional, prática e intelectual.

O amor pelo trabalho faz com que o professor identifique-se com seu aluno assim como esse se identifica com o professor de acordo com as suas necessidades.

Em todas as profissões nós temos o cunho de educador, quando estamos no fazer de nossa profissão. Não o educador formal, o de sala de aula, mas o educador no sentido de educação mais ampla, na formação do ser humano.

Antes de um papel social, temos uma função formadora. A função formadora de mãe, função formadora de pai. Quando falamos em mestre a imagem mental que temos de mestre é de educador, orientador, cheio de conhecimento. Então nós temos

um valor positivo do mestre e sempre achamos que o mestre irá nos trazer ensinamento pela via positiva.

Somos professores quando temos atitudes positivas e negativas também. Onde se dá a troca? Para ser educador tem que ter seguidores, alunos, conhecimento, didática é preciso de uma coisa exclusiva: O OUTRO. Sem o outro não se pode haver permissão de ensinar. A educação só se dá quando há permissividade.

Na antiguidade a troca de conhecimento se dava no caminhar. O pedagogo caminhava ao lado do aluno. Digamos que a escola é algo moderno. E acompanhando essa modernidade, o aluno traz consigo algo que não entendemos no momento, mas que com o passar do tempo passamos a compreender melhor os fatos.

Nesse contexto devemos refletir sobre o quanto nós educadores podemos influenciar ao nosso aluno seja de forma positiva ou até mesmo negativa. O professor sabe onde inicia sua influência, mas não sabe onde termina, pois essa influência toma proporções muito grandes. É o que reforça Polity (2003, p.29) quando afirma que “não se pode desvincular os sentimentos presentes na relação professor – aluno do ato de ensinar: são partes inseparáveis do mesmo processo, que demandam conhecimento e disponibilidade para poderem ser articulado conjuntamente”.

A psicanálise influencia na educação com uma grande palavra: ENTENDIMENTO. Entendimento do eu para compreender o outro. A educação proporciona essa troca. É essencial que o professor tenha uma olhar especial para o outro.

A Psicanálise contribuiu para a educação com uma teoria do desenvolvimento do humano e o conhecimento do aparelho psíquico. Além disso, essa área também contribuiu para a pedagogia com suas informações e afirmações a respeito de transferência, em observar a necessidade do outro, se colocar no lugar do outro e ainda, ampliou o conhecimento dos processos psico-afectivos e de pensamento. O que nos leva a crer sobre a importância de se conhecer a história pessoal do outro,

do significado e motivos, conscientes e inconscientes, inerentes a todos os comportamentos.

A aprendizagem é algo bastante complexo. Nem a psicanálise sozinha e nem muito menos a educação dão conta de todas as informações a respeito dela, pois a aprendizagem humana não pode ter um conceito unitário, já que é variável. Por esse ângulo, a psicanálise oferece uma das inúmeras verdades que há a respeito do processo de aprendizagem humana.

Uma dessas verdades é que revela que o emocional interfere no ato do aprender, pois há uma ligação estreita entre a aprendizagem e o sofrimento mental. De modo que o estado de espírito do indivíduo irá propiciar uma boa apreensão do que se pretende ensinar ao indivíduo. Apontando-se assim, o quanto a área psicanalítica contribui para que o professor compreenda o processo de aprendizagem e seus percalços.

É cada vez maior a relevância da psicanálise com seus contributos para a educação para afunilar suas pesquisas em relação a aprendizagem para poder mostrar como é possível mudar as atitudes psicológicas e as capacidades do professor de um estado de trabalho pelo amor para o de amor pelo trabalho, e, conseqüentemente, haver permutas na didática aplicada no seu ensino.

Sabemos que quando alcançamos o nosso objetivo profissional enquanto professor, passamos a desenvolver a nossa função de educador com dedicação e empenho e com base nessa importante informação pode-se afirmar que para um educador desenvolver bem o seu fazer docente é preciso um querer e um fazer. O querer aparece quando surge o desejo. Já o fazer seria um objeto.

Existem vários conflitos conceituais que irão facilitar o processo dessa via de mão via dupla entre o mestre e seu discípulo ou o conhecimento e o conhecedor para que os conceitos se unam para facilitar o processo educacional.

Na psicanálise transmitir é diferente de ensinar. Na educação, tem-se a ideia de que reconstrói o conhecimento, mas isso só é realizado na vida acadêmica. Sai-se do senso comum ao acadêmico.

Ensinar significa uma abordagem em signos. Tem que ter significado. A aprendizagem só acontece quando há contextualização e transmissão, caso isso não ocorra não aconteceu o aprender, pois conseqüentemente levará a uma mudança. Quando o aluno consegue refletir sobre o que aprende e dá um novo significado ao que já se conhecia, ocorre a ressignificação, que nada mais é que dá um novo sentido as coisas. Na psicanálise, a solução não se encontra no professor, mas no próprio aluno.

A psicanálise traz muitas luzes ao professor quanto a sua prática, pois reforça um estudo aprofundado das obras que disso tratam. Enquanto apenas conhecedor desses estudos psicanalíticos, não pode exercer a psicanálise, mas é mais fácil de detectar uma anomalia psíquica na criança e chamar a atenção dos pais para recorrerem a um auxílio médico.

Nesse processo, o que esse profissional terá de novo em sua prática é sua maneira de avaliar um grande número de manifestações psíquicas da criança, e conseqüentemente, suas atitudes para com elas. Compreenderá de forma aprofundada sobre a alma infantil.

É claro que todo professor possui uma sala de aula mista, repleta de seres individualizados, diferentes, alunos calmos, nervosos, “normais” com os quais ele sabe o que fazer com frequência. Mas não é da mesma forma que se referem aos ditos “anormais”.

Severidade, punição não apresenta relevância na relação com esses alunos. O corretivo que um aluno recebe só vai intensificar a necessidade que ele tem de vingança. A questão da violência, de destruir o outro, da agressividade, está ligada a destruição do próprio eu. Quando se deseja destruir o outro, destrói-se a si mesmo, junto com as impossibilidades de frustração.

Os problemas psíquicos da infância são muitas vezes o começo de alterações da atividade psíquica. As falhas de caráter têm sua raiz na infância. É possível preveni-las determinando suas causas e sua formação. Esse é o objetivo que se propõe a psicanálise aplicada à educação.

Quando os alunos têm um professor que tem conhecimento da psicanálise, elas se aproximam mais dele porque sabe que ele é mais fácil de compreendê-las e ajudá-las fazendo com que elas percam o hábito de reprimir suas impressões. Tudo isso nos remete a imagem de um educador que entusiasma seus alunos, fascina-as, agrada a todos, sabendo liderá-las enquanto “chefe”.

Em virtude de esse professor apresentar características comportamentais tão aceitáveis aos seus aprendentes, todos estes se envolvem no cotidiano escolar assiduamente com o propósito de agradar ao professor, apresentando também disciplina no âmbito escolar.

A transferência descoberta por Freud é extremamente necessária para compreender as ligações existentes entre professor e aluno. O educador não deve fazer o papel de analista, mas deve exercer a atitude de escuta e compreensão.

Mais uma vez reforça-se a importância da Psicanálise para a prática docente que auxilia ao profissional a distinguir aspectos no sujeito que estão no consciente e no inconsciente e que ocorrem no universo infantil (BAUDOUIN,1969).

O estudioso supracitado enuncia como princípios diretores da prática pedagógica os estudos psicanalíticos em relação amobilização de energia entre ele e o aluno, o equilíbrio entre liberdade e restrição na sua relação com o discente, o desenvolvimento de ações destinadas a favorecer a sublimação e a valorização positiva da imaginação e do sonho. Diante tantas informações que permearão sua prática, o professor passa a evitar que ocorram erros em sua prática que dantes ocorriam.

Por isso, a importância tal do professor conhecer sobre o inconsciente e aprofundar suas informações a respeito dos fenômenos transferenciais na situação pedagógica. Conforme aborda Mauco (1968) que destaca a importância de pais e educadores terem conhecimento sobre a área psicanalítica sobre o aluno, a sexualidade infantil, bem como sobre o complexo de Édipo e do seu impacto na relação pedagógica.

2.1 SATISFAÇÃO DO EU DOS SUJEITOS NA VISÃO DA EDUCAÇÃO

A escola é fundamental, não apenas reduzida aos seus aspectos transmissores de conteúdos, de preparação para uma profissão, um papel social, mas também porque é a primeira grande forma de socialização além da família. Ou seja, a criança irá receber no pacote um monte de coisa, mas também têm várias outras coisas que ela não receberá em seu pacote cultural, por exemplo: não está no pacote de onde viemos, pra onde vamos, qual é o sentido de que serve passar esse tempo que passamos no mundo, qual é o papel dos outros para nossa vida. Essas coisas vêm mais ou menos embaralhadas, mas a gente não tem a última resposta pra isso. A criança herda ao mesmo tempo esses problemas e uma resposta a ser produzida, ela é convocada a produzir essa resposta. A escola vai permitir essa primeira grande organização social e cultural aonde ela não vai apenas aprender, mas ir atrás junto com os outros na busca da resposta dessas grandes questões das quais ela, não tem algo definitivo a dizer.

Freud (1999) permite conceber que naquela criança que em grande parte de sua organização mental já recebeu esse pacote inicial, mas que em grande parte está buscando suas soluções, seus próprios caminhos, ele irá encontrar naquele ambiente uma possibilidade de desdobramentos favoráveis pela mesma, saídas para que ela possa se encaminhar, soluções dos seus desejos e para essas grandes questões que ela não tem respostas, e como se inserir num projeto que não apenas só dela, mas que inclui o outro.

Podemos afirmar que muitas vezes a criança não aprende a conviver e respeitar com certas limitações e ao chegar à escola se frustra porque não aprendeu a viver com isso. Por que não foi exposto a limitações anteriores.

Não se pode estabelecer, mas há relação do que é obvio quantos porquês circundam na sala de aula. Os alunos se perguntam: como é feita a neve: como De onde vem a chuva? Quem é Jesus Cristo? Enquanto isso professores questionam-se: Como dá essas explicações? O que fazer? De que forma fazer? Por que estar nessa profissão? Essas inquietações são comuns de surgirem no pensamento de muitos professores diante de dúvidas dos alunos que sentem dificuldades em dar as respostas.

Para um professor de metodologia tradicional, não haverá preocupação em formular uma didática para sanar as dúvidas dos alunos. Um simples: “Depois falamos sobre isso” já é suficiente para arquivar as questões surgidas. No entanto, para um professor que se preocupa com a construção do saber do seu aluno, a primeira ação a ser tomada é investir em uma didática que fornecem-lhe meios de construir respostas satisfatórias com o educando.

Porém, o professor é um personagem que marca a vida de seus alunos e seu papel é fundamental na construção do caráter das pessoas e ao vivenciar as experiências acaba refletindo em suas próprias atitudes. Por isso, a competência que o professor tem com a educação transpassa os muros da escola e surge a necessidade de capacitações e atualizações em suas didáticas. Assim enfoca Freire (2007) explicando que para o professor exerça suas atividades em classe precisa ter uma força moral e necessita que leve a sério sua formação e estude

É óbvio que se está em sala de aula porque precisa ganhar dinheiro, é óbvio que está em sala de aula porque não conseguiu se superar e ir em busca de seus sonhos, é obvio que por diversas causas se limita a um contrato de prefeitura ou de estado. É obvio, mas ele não diz o que não sabemos. Então todos os sintomas da educação nos revelam o óbvio, mas não nos é revelado o entender o ser, o outro.

A compreensão do ser é solidificada nas contribuições da Psicanálise e em relação ao professor podemos perceber que as experiências anteriores com outros professores quando este se encontrava enquanto aluno, podem influenciar na forma com o professor ministra suas aulas, como aborda sua metodologia e aplica sua didática.

Independente da época histórica o professor será sempre um educando. Se dissermos que educando é aquele que estuda, então o educador está em constante busca de aprendizagem, pois ele tem a necessidade de acompanhar a atualização de conteúdos e aprimoramento de suas metodologias. Estar professor é uma condição passageira, ser um professor é que contem sua essência. Se uma pessoa não é educador em sua essência, é apenas uma representação.

A psicanálise nos ensina a esquecer o sabido para lembrar o esquecido e o esquecido é o que foi proibido. O que foi interrompido foi parado na infância. É o que marca o compasso e o descompasso da construção do eu.

Daí a importância do professor ter conhecimento a respeito da psicanálise para ajudar na prática docente "porque apenas os conhecimentos em psicanálise da educação poderão fornecer às práticas educativas e aos professores as informações que permitirão constituir, neste domínio, um saber prático" (MOSCONI, 1986, p. 77).

De posse desse conhecimento, fica mais viável e fácil compreender o outro no processo de aprendizagem. A saber, que quando um indivíduo chega na escola, ele não chega só. Ele é resultado de suas relações com o grupo que ele convive: pai, mãe, avó etc. Precisamos entender como professor, de que forma chega esse aluno e toda essa instituição de grupo que com ele é trazida, para só assim poder ensinar.

Por isso, a necessidade de constantes buscas teóricas e conhecimentos diversos a respeito da psicanálise que amplia e alarga a visão de auxílio no processo de ensino e aprendizagem.

Está em evidência as contribuições da psicanálise à educação. Conhecer o infante, o que se passa com ele, sua história. Uma pessoa só pode se tornar educadora se entender interiormente a vida psíquica infantil. Em outras palavras, nós só podemos conhecer a criança se conhecermos a sua própria história infantil. É onde evidencia mais uma contribuição da psicanálise no livro de Freud e a pedagogia:

A psicanálise trouxe à luz os desejos, formações de pensamentos, processos de desenvolvimento da infância; todas as tentativas anteriores são no mais alto grau, incompletas e errôneas, porque deixaram inteiramente de lado o fator inestimavelmente importante de sexualidade nas manifestações corporais e psíquicas (FREUD, 1999, 119).

À medida que os educadores forem se familiarizando com os conhecimentos psicanalíticos, haverá mais facilidade de compreensão de certas fases do desenvolvimento infantil, sem correr o risco de exagerar os impulsos socialmente inutilizáveis ou perversos na criança.

2.2 SATISFAÇÃO DO EU DOS SUJEITOS NA VISÃO DA PSICANÁLISE

Para a psicanálise o sujeito não é só aquele que age, mas também se constitui ao mesmo tempo em aquele que é agente de uma ação, sujeito de algo, e aquele que é objeto de uma ação, sujeito a algo.

O sujeito é concebido para a psicanálise, se for resultado de uma sociedade marcada pelo urbano, pela democracia, pela economia industrial.

O humano está definido em relação ao saber. Assim, como o saber muda, acontece o mesmo com o sujeito. O que faz surgir um novo sujeito conforme esse novo saber.

Do ponto de vista clínico, o sujeito não é algo e nem alguém. É uma função em estado de latência que o trabalho da análise põe em marcha e opera como

fundamento da cura. Portanto, uma função do inconsciente. Do saber inconsciente. E, por permanecer como uma suposição sempre atrelada ao saber, o *Sujeito* é suposto ao saber. Ao saber do inconsciente. Do ponto de vista formal, o sujeito é visto como um significante. Já do ponto de vista material, o sujeito é visto como um corte.

O principal objeto da psicanálise é pessoa, comportamento, estrutura física. Isso tudo resulta no inconsciente. O inconsciente é extremamente subjetivo.

Existe o inconsciente coletivo, mas mesmo assim é subjetivo. Jung fala de uma categoria conceitual chamada inconsciente coletivo. Podemos perceber que há um contraponto, mas o inconsciente é subjetivo porque nesse consciente coletivo a subjetividade de cada ser é que vai determinar a ação, a resposta a qualquer comportamento que se tenha. Então o principal objeto da psicanálise é o inconsciente.

Resta-nos a refletir: como trabalhar a subjetividade dentro de um padrão na educação?

Nós temos uma imagem mental de educação que se remete a escola. Mas a visão da psicanálise da educação vai se preocupar com a formação desse ser. Freud afirma que todo professor deveria conhecer sobre os conceitos psicanalíticos.

Enquanto educadores todos nós podemos fazer esse viés. Para se compreender o eixo de psicanálise e educação é necessário refletir sobre o processo de aprendizagem, mas não é o processo de aprendizagem formal, é o processo de aprendizagem da vida, do ser eu. Dos diferentes “eus” que existem em nós.

Na visão de Terrier e Bigeault (1975) o professor recebe a responsabilidade de ser substituto provisório do Eu, sendo, aos olhos desses autores, objeto de ligação ou objeto intermediário entre as pressões do “id” e o mundo exterior, mas é barrado nas exigências pulsionais e as do Superego. O fazer do professor possibilita explorar juntos o prazer e a realidade, devido às transformações que ocorrem no mundo interno e externo.

A relação professor e aluno tem um valor específico no quadro escolar como estruturante, pois o educador deve ajudar ao aluno controlar suas pulsões, evidenciando como esse profissional pode interferir no percurso de aprendizagem dos alunos. A relação entre esses sujeitos não é especificamente baseada na transmissão, neutra de informação ou conhecimentos, nem é apenas uma relação de saber.

A capacidade de amar e trabalhar estão diretamente ligadas entre a psicanálise e a educação. A capacidade para ensinar, assim como a capacidade para aprender, são uma situação particular da aptidão para "amar e trabalhar", que Freud usa como definição de saúde mental. Toda essa relação que ocorre entre ensinante e aprendente é entendida como relação de amor, pois a criança deseja aprender pelo seu desejo de ser aceita, recompensada e reconhecida como bom aluno. O professor deve preparar o caminho para uma relação baseada no respeito e afeto que estabelecerá as condições da situação de trabalho.

O educador precisa se identificar com o aluno e sua tarefa, assim como esse aluno identifica-se com o professor nos seus objetivos e necessidades. Nesse processo, o educador deixa de trabalhar para construir o trabalho para o amor, para transformar o amor pelo trabalho.

Esse processo de ensino-aprendizagem requer do professor a capacidade empática, de se comunicar e de se dar, ao mesmo tempo em que deve conhecer sobre os conteúdos que irão ministrar aliados à sua metodologia. O que reforça a contribuição de Ekstein (1989, p.89) ao afirmar que:

O melhor professor seria aquele que é capaz de integrar os princípios de todos os modos de apreender, usando-os de acordo com o seu entendimento acerca de onde se encontra a criança, ou grupo de crianças, num dado momento. Tal professor não está comprometido com uma forma específica de ensinar, mas pode mudar de acordo com as necessidades da criança. De facto, o melhor professor precisa de ter uma capacidade para amar amadurecida. Se essa capacidade é primitiva, o seu ensino é função apenas da sua necessidade de ser amado e admirado pela criança.

O que torna o ensino efetivo é a capacidade que o professor tem de se colocar em sintonia com as experiências subjetivas dos alunos refletindo sobre suas próprias reações em relação ao comportamento de cada um de seus alunos individualmente ou em grupo. Isso tudo faz com que o educador reflita sobre si mesmo.

O principal objeto de estudo da psicanálise é justamente o inconsciente. Esse objeto fará parte do cenário de estudos da educação e da relação entre professor e aluno, a saber, que é um campo a ser investigado porque os aspectos inconscientes estão impregnados à personalidade.

A relação entre esses sujeitos dependerá tanto do professor e sua maturidade afetiva, das reações que ele tem em relação ao comportamento inconsciente a criança, que resultará na natureza do diálogo com o aluno. Sendo assim, podemos de certa maneira afirmar que o diálogo do professor com o aluno consta da participação do consciente e o inconsciente de ambas as partes. Só o estudo dessa relação permite a compreensão da multiplicidade dos conflitos, a compreensão de sua resolução e as motivações externas e internas.

A relação que a criança tem na educação é muito importante em sua vida e intervém no seu conflito intrapsíquico evolutivo. Isso favorece o deslocamento para o mundo exterior, aumenta o prazer do eu capaz de encontrar temas favoráveis à angústia ou à culpabilidade, e preparando as mudanças características do período de latência.

O desejo que o aluno tem inconscientemente de satisfazer ao seu mestre professor pelo seu mérito e esforço se confronta com o medo inconsciente de alcançar, o que gera um conflito que resulta em inibição. Por essa causa, o educador pode intensificar ou diminuir o conflito interior da criança, mas o essencial desse conflito não poderá ter alteração. Diante disso tudo, o professor pode demonstrar compreensão e simpatia reduzindo parte da inibição que se liga à representação da pessoa como um mestre vingador.

Analisando sobre a ação dos professores que amam às crianças, Mauco (1968) chama a atenção para o amor ao que pelo que se faz. Os educadores procuram satisfazer suas próprias necessidades afetivas. Eles amam-nas por sedução e por satisfação que estas sentem por ele, resultando muitas vezes em uma ação educativa que pode conduzir ao êxito pedagógico.

Existem alguns fatores de interferem na relação estabelecida entre professor e aluno. Esses fatores chamam a atenção dos professores para a necessidade de compreensão a natureza da relação para que ele mesmo possa entender a influencia que tem sobre a vida mental de seus alunos. Os alunos esperam que seus professores atendam as seguintes expectativas:

- Ser um indivíduo dotado de conhecimento e sabedoria. Problemas podem surgir se o aluno achar que o professor não é competente o suficiente para fornecer todo o conhecimento.
- Responder aos desejos dos alunos trazendo conforto e consolo, fazendo com que o aluno aprenda passivamente. Assim, o professor se torna um objeto de desejo, como alguém que cura uma dor, uma frustração, desamparo, desespero trazendo felicidade e satisfação dos desejos.
- O educador deve ser objeto de admiração por suas características de qualidade, mas também pode despertar a inveja, devido ao seu poder.
- O ensinante transmite a figura de autoridade capaz de resolver os conflitos, ser justo e transmitir segurança diante dos problemas ameaçadores.

Podemos considerar que um professor que tenha experiências positivas ao longo de sua vida acadêmica e tenham sido afetados positivamente por bons professores, conseqüentemente, irá transferir ao discente o que foi vivido por ele, claro que todo esse processo se dá de forma inconsciente. Tais experiências podem interferir no processo educativo possibilitando o fenômeno transferencial e ainda podem revelar a satisfação que o sujeito apresenta na escola.

CAPITULO 3 - PROCESSO DE TRANSFERÊNCIA AFETIVA NA ELABORAÇÃO SUBJETIVA DAS CATEGORIAS CONCEITUAIS SATISFAÇÃO/ INSATISFAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR

Muitos professores tendem a enrijecer-se na relação com seu educando na busca de educá-lo na uniformidade que exige a sociedade que não aceita formar pessoas que possam dar-lhe trabalho. Essas regras comuns e rígidas que encontramos no meio social e rege na escola faz com que os alunos sejam apenas parte de um índice que comprova a adição de mais um aluno na escola. O indivíduo precisa se expressar, se exprimir.

A educação busca na psicanálise a ajuda necessária para compreender certas situações educacionais. De forma alguma defendemos que o professor deva apostar em uma prática analítica no seu exercer profissional, mas que a sondagem de fatos, mas que (re) conheça acontecimentos que envolvam seus aprendizes. No entanto, se a psicanálise oferece essa “ajuda”, nada mais proveitoso do que extrair elementos manifestados pelos alunos, seus discursos, para chegar-se a uma conclusão que conduza a uma reeducação.

Indagamos: qual o principal questão em sala de aula? Um conceito psicanalítico chamado TRANSFERÊNCIA. Não podemos comparar as atitudes reeducativas e psicanalíticas porque são abordados aspectos diferentes. A transferência promove uma transformação duradoura do ser e uma verdadeira mudança de caráter no indivíduo “a-social”. Na psicanálise, se não houver transferência não há análise. Se não houver transferência em sala de aula não há aprendizagem.

A criança sente a necessidade de ser aprovada pelo professor já que o infante vê nesse profissional o símbolo. Transfere a esse profissional todo o afeto e a necessidade da troca de atenção que há na relação com os pais para essa relação. Por isso, “Os professores [...] são, em muitos aspectos, experimentados

subconscientemente, como substitutos dos pais, e ser apreciado por eles traz para a criança a aprovação e o afeto parentais” (BETTELHEIM apud ZELAM, 1993, p. 32)

Essa relação entre os sujeitos só pode existir se o professor permitir amar ao seu aluno, pois a princípio este é um ser desconhecido e o seu vínculo afetivo ainda não foi criado. Dessa forma, o professor quando se disponibiliza estar junto do aluno, atualiza ao mesmo tempo suas próprias potencialidades amorosas, permitindo que o professor e o educando cresçam juntos em um processo de humanização. A isso a estudiosa Polity (2003, p.39) nomeia de “Educação com afeto”.

Sem haver afeto entre os sujeitos, o diálogo e a comunicação entre ambos não possibilita esse estar para o outro, pois o amor possibilita o trabalho com a educação repleto de sentido. Por isso, esse sentimento permite ao professor que enxergue verdadeiramente seu aluno, o vejo com indivíduo com suas necessidades e individualidades.

Em nosso convívio escolar, podem ocorrer situações em que nossos problemas acabem sendo passados para o outro e fazemos essa transferência inconscientemente. Durante toda a nossa vida estamos em contato com a transferência negativa e positiva. Isso acontece conosco desde a educação primária que é a educação que recebemos em casa com os nossos pais.

Muitas vezes, uma comida não é tão gostosa, mas a forma como essa comida nos foi apresentada passa a se tornar atraente. Então isso é um exemplo de como as formas são passadas e também são ensinadas na escola e ainda permeiam na relação professor e aluno. Tudo isso vai ocorrendo em nossa família, nossa vida e em nossa escola.

Submetemo-nos a vivermos em uma civilização. Primeiro porque as condições da vida humana solitária são muito inóspedas tanto do ponto de vista da sobrevivência quanto do sentido do que está nesse mundo. Então nós precisamos de outras pessoas. Assim, de certa parte, nos estamos diante de uma escolha forçada.

Somo-nos obrigados a aderir a civilização. Viver em civilização para Freud, quer dizer também uma parcela de renúncia, de frustração. Isso tudo acumulado faz com que ao mesmo tempo essa civilização propicie essa sensação de conforto para o humano, mas ao mesmo tempo acumule um mal estar.

O ser humano não foi criado para viver sozinho e por essa causa, desde seus primeiros dias de vida é integrado ao meio social para conviver com outras pessoas aprendendo as regras para o convívio. A psicanálise frisa bem a relação com o outro, o compreender e se colocar no lugar do outro.

O ideal seria que todas as pessoas fizessem análise, mas para fazê-la é preciso coragem, pois é desconfortável, difícil, doloroso, sacrificante. É um ato de amor dar o sintoma para alguém analisar. Amar é dar o que não se tem. Ao final de cada análise quem é o verdadeiro amante é o analista porque ele dá o que não tem. Ele dá a própria falta. Nesse processo ocorre a transferência.

Todo o processo de transferência é constituído a partir da realidade psíquica do analisando, por meio dos seus desejos, medos e outros aspectos da sua subjetividade. Em **Recordar, Repetir e Elaborar**, Freud (1914) afirma que a transferência cria uma região intermediária entre a doença e a vida real, através da qual a transição de uma para a outra é efetuada.

Transferência é necessariamente relacionada ao processo analítico, por isso não é possível falar em análise sem a transferência. Quanto maior for a intimidade dela, maior será o êxito e a rapidez com que se dará o processo. A transferência tem vida útil. Ela tem começo, meio e fim.

O processo transferencial é espontâneo. É a nossa história, principalmente a história do nosso sofrimento psíquico, por isso o analista não existe a priori como alguém que existe em primeiro lugar. Ela faz com que revivemos o passado resgatando fatos da infância. Nesse processo é importante que o analista tenha bastante cautela para que a vontade, desejos, frustrações dele mesmo não acabe interferindo nessa

análise. O que podemos afirmar que a transferência é um mecanismo de defesa do paciente.

Somos muito mais inconscientes do que consciente, por isso somos investigadores que busca os significados para todas as coisas. É do inconsciente que provém as nossas necessidades, as nossas ações. E isso embasa um conceito de Freud que afirma que aquilo que nos incomoda e quem vem do outro, na verdade, nos pertence. É a projeção. É aquele que é meu e vejo no outro.

É inevitável e completamente normal que a criança tome os pais por objetos de sua primeira escolha amorosa, mas isso não é uma permanente. Nesse complexo de Édipo, o filho tem como alvo, ocupar o lugar do pai; a filha deseja ocupar o lugar da mãe. Nesse processo, ao passar do tempo, há um desapego da criança aos pais e essa figura modelo é transferida para outra pessoa, conforme afirma Cifali e Imbert (1999, p. 93).

Às imagens que eles deixaram vêm depois se unir as influências dos professores, das autoridades, dos modelos espontaneamente escolhidos e dos heróis reconhecidos pela sociedade, pessoas que o ego, agora mais resistente, não mais precisa introjetar.

O aluno pode facilmente ver o professor como autoridade, mas acessível. A partir dessa afirmação, aparece o desejo de crescer o que permite preencher o sentimento de inferioridade e as frustrações do estatuto infantil.

A escolha do objeto sexual da criança se realiza de início na representação e, na adolescência, se configura em fantasias, representações que não se destinam à realização.

Essa transferência que ocorre nessa relação entre os sujeitos dá a criança o sentimento de ser portador das mesmas possibilidades e da mesma identidade que o adulto, o que permitirá comunicação através de sua linguagem e por essa linguagem receber o aprender do professor.

Um professor afetivo não impõe medo ou insegurança. Sua autoridade surge com espontaneidade, instrução sem castigos ou ameaças. Surge naturalmente. Essa autoridade revela a autoridade que o professor tem consigo mesmo, ou seja, é do inconsciente em que se reduzem a angústia e agressividade.

A função do professor exige do mesmo tempo de dedicação para compreender o outro, e muita independência para não reagir subjetivamente, isto é, o professor deve ser capaz de ser com o aluno sem se deixar captar afetivamente.

3.1 TRANSFERÊNCIA AFETIVA NA PSICANÁLISE

O aprendizado ocorre porque o educando ama o mundo e o professor deve ser capaz de orientar esse amor em direção a objetos que sejam de prazer do educando. O educando na verdade abre mão da vontade dele para o professor para que o professor possa ensiná-lo. Se não abre mão fica difícil de aprender alguma coisa por que ele vai esquecer.

Essa misteriosa relação em última instância amorosa, inclui um certo fascínio um pelo outro.

A transferência está nessa energia erótica. O Eros como energia de ligação. Transferência é vivência de experiências subjetivas ou intra-subjetivas anteriores atualizadas no momento presente vividas com muita intensidade. A transferência é a nossa história principalmente a história do nosso sofrimento psíquico.

Nós levamos isso pra sala de aula. Nesse ambiente, a transferência é confundir o professor com o pai ou mãe, é gostar ou desgostar de alguém que lembra outro alguém e vem dos dois lados, tanto do aluno quanto com o professor. O que reforça a afirmação seguinte: “A identificação histórica em que o indivíduo se projeta no desejo do outro, se confunde com o outro, com o risco de não mais se encontrar em sua diferença singular.” (FREUD, 1999, p. 17)

O que nos leva a reforçar a ideia de que a relação imaginária é uma necessidade do indivíduo para que o ego possa ser elaborado a partir das identificações imaginárias.

Há uma ligação simbólica entre os seres humanos. Uma relação da imagem do indivíduo com a imagem do outro. Todas essas interferências que permeiam as relações são consideradas por sua qualidade, tensões e impasses mortíferos ou por momentos de imperfeição denominada de ideal de ego.

Na psicanálise, o grande trabalho do analista em relação ao seu paciente na busca da cura e seus sintomas, é justamente trazer o inconsciente junto ao consciente e colocá-los lado a lado, assim ele vai poder trabalhar com seus traumas e frustrações, seus recalcamientos e trazendo isso à tona é possível atingir-se a cura das doenças.

Antes de iniciar qualquer acompanhamento psicanalítico faz-se a anamnese. Durante a anamnese do paciente investiga-se o histórico de vida. O que o analisando relata está em seu consciente. Se faz necessário atender a todos os passos até chegar na aliança terapêutica, que é onde começa o processo psicanalítico. Quanto maior for a sensação de bem estar entre paciente e psicanalista, maior será o processo da aliança terapêutica. Essa aliança é o ponto inicial daquela identificação projetiva, ou seja, a alma da transferência que pode ser positiva ou negativa.

A transferência é muito importante porque sem ela o processo analítico está totalmente danificado. Ele não prospera. Na verdade, o processo psicanalítico é o aumento da resistência e o aumento da pulsão, que libera todo conteúdo do inconsciente para o consciente. Este é o trabalho do psicanalista: tornar a resistência menor para a pulsão ser maior, conseqüentemente, aumenta a pulsação do ego. O analista não sabe quando e nem como a relação de transferência vai acontecer.

De certo que o analista consegue a transferência com sua postura, com seu conhecimento. Vai passando de forma indireta com o paciente que se é capaz, é

detentor do que está fazendo e que é um bom profissional. Este é o papel do psicanalista vincular.

Se tratar o paciente com arrogância, com determinado desdenho acabará intervindo no surgimento dessa transferência. Portanto, vemos então a importância do diferencial da psicanálise vincular. Mesmo estando duas pessoas em um consultório do analista, só há emergência de um sujeito. Para tanto, é preciso ter um set analítico, que é o espaço do paciente e não do analista. Pois, o ambiente também influencia nesse processo de bem estar do paciente.

Na psicanálise todo o processo é feito através da fala, da busca de seus significantes. Pela fala, o analista busca trazer as situações, traumas e problemas que levam os sintomas das doenças para o consciente. Mas vale salientar que não basta para o paciente apenas lembrar-se desses problemas e traumas. É preciso revivê-las.

Na transferência o sujeito transfere para o outro, sentimentos que não estão diretamente ligados a ele, mas a outras pessoas do seu passado. Em relação à clínica psicanalítica, o paciente transmite ao analista suas emoções que foram vividas ou deixadas de viver com uma pessoa muito próxima. São, em geral, sentimentos de relações que não foram bem resolvidas. O analisando, em vez de recordar uma experiência passada ele a revive e a recria. No entanto, envolvendo outra pessoa que não a originária e isso pode ser caracterizado como um tipo de defesa.

Tomamos como exemplo quando um aluno se apaixona por uma professora, isso é normal. O que não pode é ela se apaixonar pelo aluno porque é a representação do que ela está fazendo ali. Nesse processo o desejo é inconsciente, claro que o analista não vai se aproveitar disso de uma forma a entrar naquele jogo amoroso do paciente. Ele vai receber esse amor, mas vai fazer um manejo disso até para que nessa não resposta, oferecendo nada mais do que a falta para esse paciente, ele possa elaborar um saber a respeito do seu desejo.

Nos estudos de Freud (2002), é afirmado que a transferência é aliada do processo psicanalítico e que é definida a partir de três parâmetros: realidade e fantasia, consciente e inconsciente, presente e passado. Essa contribuição desse estudioso reforça a respeito de todo o processo psicanalítico exposto nos parágrafos acima.

Quando o analista trabalha bem com o paciente, e esse último olha para o analista como sujeito do suposto saber, ele acredita que o analista sabe tudo e tem as respostas de todas as suas inquietações, quando na verdade o analista não tem, quem tem é o próprio paciente. Está tudo lá no seu inconsciente, mas ele vai a essa busca e durante o processo analítico acaba entregando-se e isso resulta em uma transferência de sentimentos, afetos positivos, excessivos ou repulsivos.

Esse afeto é uma vivência de uma situação traumática que o paciente teve antigamente e daí ele coloca no analista a figura de seu pai ou de sua mãe e passa amar o médico e ser afetuoso ou passa a odiá-lo. Temos como exemplo o falar de um aluno ao dizer que determinado professor sabe das coisas ou acaba dizendo que está apaixonado, é resultado de uma transferência.

Para que ocorra a transferência é preciso haver comunicação e para se comunicar com uma criança de 2 anos, por exemplo, é preciso que se comporte como uma criança de dois anos. Que se regrida. Sente-se no chão. Abaixa-se para que ela perceba que o adulto está da sua mesma altura, brinque de boneca. Muitos pais e professores ainda não entendem o quanto é importante abaixar-se para conversar com a criança.

O *NÃO* é estímulo porque a leitura da simbologia do entendimento mental da criança e do adolescente que ainda não tem a compreensão da relação *selfobjects* completa, toda vez que se diz *NÃO* surge o desejo de fazer. Podemos citar como exemplo, um choro de uma criança. Quando o adulto pede para que não chore, esta passa a chorar mais ainda. Mas se mandá-la chorar mais, ela simplesmente cala. Porque na mente dela, o adulto está lhe contrariando, então ela quer contrariar também. É um jogo de poder. Em ressalva, destaca-se o significado de objeto sendo tudo aquilo que está fora da própria pessoa.

Dependendo da interação estabelecida entre o self e o *selfobjects*, ou seja, entre o ego e superego tudo o que dificulta na infância poderá acarretar em duas alternativas: uma firme e saudável estrutura; ou uma mais ou menos danificada estrutura.

Quando se cria uma firme e saudável estrutura que é a ideal, embora sabemos que Freud afirma que o ideal não existe, a pessoa cresce sabendo estabelecer vínculos e tendo uma boa visualização do *objects*. E esses *objects* inclui também as pessoas e vínculos mais duradouros. Todo ser humano necessita que se estabeleça um vínculo com outro para constituir-se como sujeito. E isso abrange também à escola e ao professor que, nas séries iniciais deve desenvolver a sociabilidade, a vinculabilidade, senão a criança cresce um adulto sozinho, dissocialmente do meio ambiente.

Quando os adolescentes estão namorando demais, por exemplo, é porque estão procurando o par ideal, ou seja, o símbolo do pai ou da mãe na outra pessoa. Por isso o vínculo não é duradouro, porque enquanto não se encontra o símbolo dos pais na pessoa amada, não se estabelece vínculo, pois ele será enquanto estiver junto. É momentâneo.

Se nós tivermos nossos primeiros anos de vida algo mais saudável, nós seremos adultos saudáveis. Mas se tivermos uma infância danificadora o resto da vida será assim.

Uma pessoa com a estrutura mais ou menos danificada, não quer contato com ninguém e não se permite aproximação; não tem uma visão clara dos *objects*, ou seja, de tudo aquilo que está fora do corpo. Olha para as pessoas desconfiando, demonstrando, assim, sua dificuldade em estabelecer vínculos; apresenta traços neuróticos bem acentuados, isto é, demonstra grandes dificuldades com a relação *objectal* e o negativo dele, a dor dele tende a superabundar. O lado negativo dele é muito maior, seu sofrimento, sua dor. Ele supervaloriza seu negativo de forma extraordinária, sendo esta uma característica própria dos mais neuróticos.

Quanto maior for a intimidade da transferência, maior será o êxito e a rapidez com que se dará o processo. De certo que conseguimos a transferência com nossa postura, com conhecimento, passando de forma indireta com o analisando que somos capazes e detentores do que estamos fazendo e que somos bons profissionais. Trata-se o paciente com arrogância, com determinado desdenho acabará intervindo no surgimento dessa transferência.

Durante o senso infantil a pessoa é totalmente indefesa. Desse modo, a idade tenra fica vulnerável a responder em seus comportamentos, as relações que são estabelecidas com seus vínculos. Investigando a influência que cada um desses vínculos estabelecidos interfere no humano, desde a sua infância.

Creemos, portanto, que podemos marcar a vida de alguém pelo resto da vida, seja ela de modo benéfico ou maléfico. Portanto, tudo que é imposto se fica marcado para sempre, prevalecendo assim como prioridade o diálogo. É preciso permitir.

A contribuição da psicanálise para a educação é essa geração de prazer. A geração do prazer está no inconsciente e no id. Gerar o prazer está no id, no desejo. Esse gerar o prazer que o aluno possa forçar ser o eu.

O id e superego brigam para satisfazer ao eu. O id diz faça, o superego diz q não faça. A constituição do ego é equilibrar esse prazer. Hora tem-se prazer no id, hora tem-se prazer no superego. Uma pessoa que é só id tem prazer em apenas nela, desconsidera tudo, ela é o centro. Uma pessoa que é só superego é o general, é a mandante de tudo. Temos, portanto essas duas instancias em desequilíbrio.

A estrutura da educação seja na escola ou na formação do eu é gerar prazer de forma equilibrada que se possa ter o controle social, a ética, a moral e que não possa de satisfazer com esse prazer gerando um eu fortalecido. O grande ponto da psicanálise é gerar esse prazer no id e no superego.

3.2 TRANSFERENCIA AFETIVA NA EDUCAÇÃO

Toda a reorganização do ambiente educativo perpassa entre os sujeitos professor e aluno. Portanto, cotidianamente é algo desafiador ter e manter uma boa relação afetiva com o educando, mas uma vez mantendo-a funciona como estimulador no ambiente social.

A informação supracitada é reforçada por August Aichhorn (FREUD, 1999, p. 66), quando afirma que “o desafio essencial é estabelecer uma relação afetiva forte com a criança, relação – ‘transferência positiva’ – que, uma vez estabelecida, constitui o verdadeiro motor da ressocialização das crianças”.

Aichhorn (apud CIFALI; IMBERT, 1999, pp. 66,67 e 68) relata que em casos de correção com vistas para uma prática tradicional onde não há uma troca, uma relação amigável entre professores e alunos, estes últimos tornam-se indivíduos mais severos. Com uma prática, conforme o autor citou, realizada em Saint-André, os professores são receptivos com seus alunos, havendo um ambiente acolhedor. Essa prática refletiu em alunos que se relacionam com o mundo de forma mais livre. Esses últimos educadores esclarecem suas atitudes em habituar as crianças a viver na alegria.

A relação estabelecida entre os sujeitos, educador e educando, é realmente singular porque o aprendiz tem seu conhecimento de mundo, suas vivências, suas práticas e o professor precisa considerar sua contextualização, o que justifica as atitudes do aluno mediante sua vida, conforme afirma Aichhorn (apud CIFALI; IMBERT, 1999, p. 69) quando declara que: “o educador deve admitir antes de tudo se pôr ao lado da criança associal e admitir que a atitude desta com relação ao que a cerca é justificada”. Somente com esse conhecimento sobre o aluno é que o educador poderá trabalhar com ele e não contra ele.

A criança necessita que haja transferência e, muito embora ela não tenha consciência desse processo, sente atraída porque enquanto sentir essa falta, não ocorrerá ação educativa.

Na sala de aula, a criança apresenta em seu ideal de ego uma imagem perfeita do pai e a transfere para o professor que ao seu vê é um objeto dotado de todas as preciosas qualidades que o infante imagina. Dessa forma, o professor inconscientemente passa por sua encarnação mais próxima. O objeto substitui o ideal de ego e tudo o que ele faz é bom e irrepreensível.

Sob um olhar psicanalítico, Mezan (apud BARONE, 1993, p.56) evidencia que a vivência do aluno na escola ocorre dentro de um espaço transferencial, evocando este mecanismo que se encontra em inúmeras relações humanas, particularmente nas situações nas quais alguém acredita-se que o outro pode ajudar em qualquer circunstância. Podemos citar a busca do aluno em se interessar pelo conhecimento, pois ele é instigado a investir na pessoa que se dispõe em acompanhá-lo. Esse tipo de comportamento acaba influenciando todas as relações humanas.

À medida que o professor se relaciona com seu aluno, os vínculos serão formados entre ambos. Tomamos como definição de vínculo o que nos oferece Pichon-Riviere (1991, p.56): “vínculo é a maneira particular pela qual cada indivíduo se relaciona com os outros e que cria estruturas particulares a cada caso”.

Mesmo que não queira, o professor se identifica com alguns alunos e que procura manter uma neutralidade que na verdade não existe, mas se acaba tendo afinidades com algumas. Não há como entrar em sala de aula e dizer que se deixam os problemas lá fora.

Todas as pessoas estão envolvidas por laços de afetos ao longo de sua existência e se faz ímpar não apenas no viés psicanalítico contribuindo para o desenvolvimento do humano. Como reforça Music (2005, p. 5-6) explicando que a

“afetividade é absolutamente essencial para empreitada da psicanálise, assim como para toda experiência humana”

O grande conflito dos adolescentes hoje é porque seus pais querem colocar nos filhos os seus gostos. E os gostos dos filhos? E a individualidade deles? Nós somos únicos. A mente é singular. Portanto, na questão da proibição tem que haver diálogo.

Outro fator importante é a supervalorização da criança. Quando o adulto faz isso usando grandeza, perfeição, está preparando uma pessoa para fora de realidade e no dia em que ela descobrir que não é tudo aquilo que o adulto falou, aparece à frustração, indícios de depressão. E começam a cair os valores. Aparece o conflito entre o ego e o superego. E este último tem valores que não são reais.

A grande dificuldade da educação é que se buscam valores em gerações passadas. As crianças devem ser educadas na geração onde eles se encontram. É preciso que os adultos se atualizem e percebam que as crianças e alunos de hoje não são os mesmos que uma década atrás.

A civilização humana evolui intelectualmente, mas na forma humana nós nos tornamos muito menos humanos. Antes havia um respeito maior. Hoje somos mais atrevidos. Carentes de amor. Diante dessa realidade, desde cedo devemos nos relacionar com a criança tendo como base o diálogo, o amor.

É muito difícil compreendermos uns aos outros, entendermos o que há na alma de cada indivíduo, identificarmos o porquê de agir desta ou daquela forma, porque para que haja compreensão é preciso afeto, uma vez que só quando nos permitimos ter afetividade por alguém, nos colocamos em seu lugar e passamos a compreendê-lo.

Então, como devemos fazer quando uma criança está fazendo algo de errado? A psicanálise reforça que não devemos dizer que *NÃO* faça, mas nossa atitude deve ser de chamá-lo, beijá-lo, apertá-lo, abraçá-lo, e conversar de igual para igual. Assim, a criança irá aprender a respeitar. Se ela não compreender a nossa negativa,

ela vai entender que ela é boa porque fomos até ela com prazer, com amor e não com agressão.

Ao dizer o não explicando o porquê para o indivíduo, a dor será muito menor. Mas ao reagir aplicando apenas o dizer por dizer, resultará em um desejo não realizado e, conseqüentemente, se tornará uma neurose porque um desejo infantil não realizado vai se refletir no subconsciente e se tornará uma neurose. As neuroses dos adultos foram criadas na infância pela repressão dos pais.

Para se comunicar com uma criança é preciso usar uma linguagem que ela entenda. Mas antes de falar, abrace-a para que se esteja com energias iguais. É preciso interagir. Quando se abraça as energias estão iguais porque há muito mais compreensão do que se estivesse fora dela. Diante desse fato, dá-se a importância de se nivelar as energias para poder falar igualmente.

Assim, desde a entrada da criança na escola na fase infantil, o professor deve saber como se relacionar com ela e falar de forma que ela compreenda o que está sendo falado. Tão importante é a relação entre os sujeitos no segmento infantil que facilitará as futuras relações do sujeito na escola.

Precisamos entender as coisas metaforicamente. Quando uma criança diz que odeia alguém é apenas a semântica. Ela diz uma coisa, mas na mente vem outra. Ela não odeia. Ela não gosta é da impossibilidade de não poder fazer aquilo que ela quer fazer e não pode.

Muitos professores que não conhecem essa contribuição da psicanálise, ao presenciar cenas em que o aluno fala que odeia determinadas atividades em sala de aula ou até mesmo que não gosta de estudar determinada disciplina, deduz que o aluno apresenta um quadro de rebeldia. Por isso, é tão importante que o educador conheça sobre o que diz a psicanálise em relação a esse tipo de comportamento. Na verdade, são apenas transferências que ocorrem. Algo bastante natural e comum na escola.

Não se pode manter o autoritarismo porque, quando se diz um NÃO com esse tipo de atitude e faz-se imposição, imediatamente a criança contraria e se cria então um clima de rivalidade, uma disputa de poder.

É preciso entender o mundo do outro, o que se passa com esse ser que não sou eu. Levar em consideração que todo o contexto em que o indivíduo se envolve influencia em seu cotidiano escolar, mas o professor é um agente ativo nessa influência e portanto, a forma como leciona e demonstra o amor pelo que exerce tem grande valia.

Mas não basta apenas amar ao educando. Outros aspectos estão envolvidos nesse contexto. Podemos citar o respeito à sua personalidade em formação, por exemplo. Os alunos jamais agirão da mesma forma, ou enquanto professores, exigir que tenham afinidade com esta ou aquela disciplina, que sejam amáveis e dóceis todo o tempo por questão de respeito e autoridade do professor.

Cada indivíduo é único e completamente diferente. Ele é resultado de suas experiências com o meio e também carregado de disposições genéticas, conforme nos aponta Ballone (2008, p. 37) “Sensatamente, o ser humano não deve ser considerado nem exclusivamente ambiente, nem exclusivamente herança, antes disso, uma combinação destes dois elementos em proporções completamente insuspeitadas”.

Cada ser diverge-se no físico e no mental, na inteligência e no caráter, nas formas de reações nas manifestações de sua conduta. Em relação ao permitir e onão permitir à criança, enfatizamos aqui que respeito ao infante não é ser liberal demais estabelecer limites, permitindo que o outro faça o que tiver vontade. Isso seria simplesmente não educar.

Discursando sobre autoridade destacamos que esta não deve ser confundida com autoritarismo. Ser ditador e autoritário afasta o aluno de querer aprender e sentir prazer em estudar ou ir à escola. A autoridade coloca limites com amor e a ausência dela é tão prejudicial ao indivíduo quanto o seu excesso.

Neste relacionamento entre professor e aluno é necessário que haja troca de sentimentos, baseados na disponibilidade afetiva do professor. Um educador amoroso, compreensivo, interessado no outro suscita simpatia no aluno. Já um professor frio e antipático sem que se preocupe com o outro, provoca antipatia.

Quando há uma transferência positiva do aluno para o professor, o discente quer se inspirar nele deseja ser seu discípulo. Nada provoca mais insegurança e perturbação do que a instabilidade afetiva nas relações e, sobretudo para a criança que tem necessidade de apoio e de modelos para se construir.

Só há aprendizagem quando há permissão e só há identificação do aluno com o professor quando há transferência afetiva positiva. Essa identificação da criança para com o professor advém de suas primeiras identificações: os pais.

Um professor que é antipático e não se relaciona bem com seus alunos apresentando mudança de humor, é instável e isso traduz em insegurança para o aluno, o que não permite ao educando estabelecer laços seguros.

Conforme o olhar de Capelato (1994, p.102), “o que comanda a transferência na relação entre os seres é a possibilidade do outro de se tornar o complemento, o continente dessa relação, pois nesse contexto os vínculos serão formados”.

A todas essas situações verifica-se o quão é consideravelmente importante investigar o quanto o professor está disponível para o *mothering*, que conforme (CAPELATO, 1994, P.101) “é a capacidade para conter a afetividade e os desejos do outro”, pois deve-se aceitar o aluno como ele é validando seus desejos, suas crenças e valores, podendo reconhecê-lo como sujeito único e individual.

É inegável que não se pode dissociar a afetividade do desenvolvimento cognitivo e biológico, pois esse conjunto está composto na vida dos indivíduos e na forma como eles se relacionam com as pessoas, isso desde seu nascimento.

Reforçando essa ideia, Wallon (1975) afirma que desde a infância os laços afetivos que são construídos na criança são muito importantes para sua sobrevivência.

Quando a criança se relaciona com o seu meio, está se relacionando com tudo que encontra-se nele. Essas relações são com o outro, a forma como se compreende e participa dos acontecimentos que participa. Ainda as relações iniciais dependerão do que pode motivar uma pessoa e isso envolverá uma série de sentimentos como alegria, medo, desconfiança, dentre outros. À medida que as crianças vão se relacionando elas irão crescendo e desenvolvendo propiciando o conhecimento, valores e ações.

No decorrer do período de latência, são os professores e, geralmente as pessoas que têm a tarefa de educar, que tomam, para a criança, o lugar dos pais, do pai em particular, e que herdarão os sentimentos que a criança dirigida a esse último na ocasião da resolução do Complexo de Édipo. Os educadores investidos da relação afetiva primitivamente dirigida ao pai se beneficiarão da influência que esse último exercia sobre a criança (FREUD apud KUPFER, 1989, p. 85)

O professor acaba tendo um poder sobre o aluno em relação a esse lugar que se fala e permeia a transferência no momento em que o professor possui algo que pertence ao aluno, por esse fato fica o professor com tamanha responsabilidade e importância no processo educativo.

3.3 O CONCEITO DE SATISFAÇÃO/ INSATISFAÇÃO NO PROCESSO EDUCATIVO

Parando para analisarmos a satisfação ou não do professor em sala de aula devemos analisar todo o contexto ao qual o educador está inserido. O ensinante é muito cobrado e dele se quer resultado do aprendente. Quando se fala em aprendizagem, não se para de pensar no contexto do aluno e nem no estado emocional ou psíquico do professor. Esse último é exigido por alunos, coordenador, pais, donos de escola, o que resulta em sofrimento psíquico que levam até a fazer com que estes profissionais desistam de sala de aula.

Há longo prazo o inconsciente começa a sofrer por essa incapacidade que o professor começa a apresentar por não conseguir fazer com que todos os alunos consigam aprender da mesma forma. Porém, isso acontece quando realmente o professor demonstra ter satisfação ao ensinar.

O bom professor que é definido pela disponibilidade afetiva abre o caminho da identificação e quando isso ocorre é perceptível ao aluno que o profissional está satisfeito com o que exerce e isso reflete no querer aprender do aluno resultando em um emocional positivo, conforme explica Music (2005,p.31) “zonas específicas do cérebro reagem quando temos uma experiência emocional positiva, o que hoje se pode constatar com facilidade no momento em que ocorre”.

Todo professor deveria fazer psicanálise, não para ser psicanalista, mas para se auto conhecer. Saber como ocorre esse processo de transferência. A transferência entre paciente para o psicanalista terapeuta é a mesma que se dá do aluno para o professor. Se não houver essa transferência racional, essa autorização, ele vai atribuir características de pai, mãe, irmão a esse professor.

Há uma época não muito distante, permeando seus 15 ou 20 anos, a figura do professor representava a autoridade porque aos olhos dos alunos eles representavam o pai e a mãe. Quando as relações entre a família se desconstruíram, conseqüentemente levou essa desconstrução para escola e para o papel do professor. Essa transferência continua acontecendo, mas que a figura agora é desconstruída de autoridade, não de poder, mas de referência e respeito. Essa escola também se desconstruiu e se desmoronou como a família, o que acabou acontecendo uma transferência negativa desse aluno para o professor que vai representar inconscientemente, o pai ou mãe desse aluno.

Temos pais que não representam a figura de pais. Então ao chegar na escola, não percebem a autoridade do professor e se percebem não querem aceitar porque para esses alunos, os pais e nada são a mesma coisa, e agem da mesma forma na escola. Então, essa desconstrução social vai refletir na escola.

A escola pública estatal, a saber, que toda escola é pública, mas a particular atendia a elite. Quando ela abriu com as reformas educacionais para o povo, quando ela universalizou, não se preparou, não se contextualizou.

Quando indivíduo enfrenta o professor, rejeita, debocha, está tendo uma resistência que nada mais é que se esconder o conteúdo transferencial. A tentativa é de esconder o conteúdo que está no inconsciente. Seja ela no nível maior ou menor essa resistência é inconsciente.

À medida que o aluno tem a consciência do que aprender, porque aprender e o que significa essa aprendizagem, sua satisfação com os conteúdos e a forma como o professor aborda-os, aumenta. Essa vontade em aprender está no subconsciente porque o educando faz isso sem se dar conta, simplesmente porque é instigado a aprender.

Esse processo remete a outro tópico que é a satisfação dialética do profissional da educação que sente o fruto do seu esforço em fazer o melhor por seu alunado no momento em que eles praticam o que está sendo aprendido e demonstram prazer nessas ações. O professor vai adquirindo mais experiências e passa a compreender com mais clareza os fenômenos que circundam os problemas da aprendizagem, bem como aprimoram suas estratégias.

Alcançar a admiração e respeito dos alunos deve ser um dos objetivos do professor para manter relações baseadas no diálogo, na confiança e para que se nutra uma afetividade que permita que os conflitos cotidianos da escola sejam solucionados de maneira democrática. Essa admiração do aluno pelo professor faz com que o medo presente na relação não seja o da punição, que passa a não fazer mais sentido, e sim o da perda do respeito pela pessoa de quem gosta.

Através das relações que construímos ao longo da vida é permitido o nosso desenvolvimento mental, por isso essa vivência é tão importante para a sociedade. Conseqüentemente, o conhecimento precisa do outro para existir.

3.4 O CONCEITO DE MOTIVAÇÃO/ DESMOTIVAÇÃO NO PROCESSO EDUCATIVO

O saber sobre o ensinar permeia ao professor o movimento de recriação implícito no seu trabalho, fazendo com que tenha sua autoridade interna possibilitando sustentar seu próprio desejo e os desejos de seus alunos. Por isso, para reforçar o conhecimento sobre desejo, abordamos a concepção de Laplanche Pontalis (1970, p.158) “desejo, na concepção dinâmica freudiana, é um dos pólos do conflito defensivo: o desejo inconsciente tende a realizar-se restabelecendo, segundo as leis do processo primário, os sinais ligados às primeiras vivências da satisfação”

Em suma, o ensinar parte do desejo de conhecer e os sujeitos envolvidos nessa relação serão afetados nesse processo, modificando sua história pessoal e forma de olhar o mundo. Esse desejo está ligado a motivação no ato do ensinar e na preocupação com a aprendizagem do aluno.

O ato de ensinar parte do impulso que se tem de conhecer e que é caracterizado pelo desejo, afetando aos sujeitos envolvidos professor – aluno modificando sua história pessoal e sua posição no mundo.

Nas palavras de Muller (apud Bossa, 1994, p.15) “o desejo de conhecer (epistemofilia) está ligado ao movimento dialético à busca de sua própria verdade [...] e do mundo cognoscível culturalmente e compartilhada socialmente”. É necessário, para que haja a compreensão, que a comunicação seja imprescindível no ato de ensinar e o educador deva ter em mente que o ser humano sente a necessidade de comunicar-se um com os outros, e o ensinar permite essa relação vinculando os sujeitos envolvidos.

Refletindo sobre a execução do trabalho do professor, Polity(2003) esclarece que se faz necessário que o profissional da educação olhe para dentro de si e autorize-se a pensar, organize um plano de trabalho e assuma seu lugar na escola tomando posse do seu lado profissional. Enfim, a ensinar, pois só autorizando-se a ensinar pode-se despertar a autoridade interna de cada educador.

Para a autora supracitada, a “autoridade interna é a capacidade que outorga ao sujeito a permissão, para no sentir/fazer, poder desempenhar satisfatoriamente aquelas coisas advindas do seu desejo interno”. (POLITY, 2003, pp. 21-22)

Essa ação do pensar, do refletir sobre si mesmo, sobre o lugar ocupado como agente formador de ideias dará margem ao profissional para que se realize uma reflexão sobre si enquanto professor. Amplia-se a margem de verificar até que ponto se está motivado em desempenhar com dedicação a sua função.

Como também, o educador pode chegar a conclusão que não tem motivação para ensinar. Essa desmotivação pode contagiar aos alunos no processo educativo e resultar em outros fatores que podem fazer com que o aluno não assimile o conteúdo, não goste da disciplina ou até mesmo crie uma antipatia pelo professor.

Esse processo só irá acontecer se o professor se reconhecer como competente sentindo seus impulsos mais profundos. Assim, ele estará apto para colocar em prática seus anseios e se ver enquanto alguém que constrói sua própria história.

Essa motivação do professor em querer ensinar, em se preocupar com o aprendizado do aluno em se colocar no lugar do outro é inconsciente e está muito ligada a satisfação pelo que fez e que, conseqüentemente, resultará em um profissional motivado no seu exercer, pois executa aquilo que deseja.

Fazendo uma correlação do fazer do professor ao do analista, podemos perceber a possibilidade de entrar no mundo do outro, sentindo suas alegrias e tristezas, mas também suas angústias e desesperos, num inter-jogo de emoções, no qual, ambos – analista/paciente e professor/aluno – “estão diretamente envolvidos, e para o qual lhes é exigido uma disponibilidade interna, suficientemente flexível para lidar com esses sentimentos, para só então, poder utilizá-los em benefício do paciente ou do aluno e de seu desenvolvimento” (POLITY, 2003, p. 29)

Ensinar é também comunicar. Para que a comunicação ocorra é preciso que duas ou mais pessoas estabeleça um contato psicológico, um reencontro. Nem sempre a comunicação verbal está em sincronia com a comunicação não-verbal no mesmo indivíduo. Às vezes, o não verbal trai a outra, trai o eu íntimo e que não é verbalizado. Gestos bruscos são acompanhados muitas vezes com palavras melosas, doces, que dissimulam mal o estado de irritação interior.

O professor deve aproveitar o querer aprender da criança que tem inato a si a curiosidade. Se o ensinante não tem paixão, entusiasmo e está apenas lecionando por qualquer outro motivo que não seja por prazer pelo que faz, acaba “quebrando” a busca do sabor das crianças, desmotivando-as no processo de aprendizagem. Saber tem origem da palavra sabor. É preciso sentir o sabor, ter prazer, ter um gozo no saber.

Mas o que leva uma pessoa a fazer algo ou deixar de fazê-lo? A motivação a qual o indivíduo está circundado. Assim, enquanto professor, devemos buscar meios que instiguem aos nossos alunos aprender. Para isso precisamos estudar e analisar o nosso aluno individualmente, pois cada ser é único e apresenta necessidades diferentes.

Os primeiros encontros do professor com o aluno em sala de aula é uma excelente oportunidade para estabelecer uma relação afetiva e conseqüentemente, motivar o aluno à aprendizagem, pois ele chega com uma gama de conhecimento em que o professor pode aproveitar para promover a interação dentro do contexto inserido.

Motivação tem uma estreita ligação com a educação. Como aborda Queiroz (2008) explicando o conceito de motivação no viés educacional como:

[...] aquilo que desperta no aluno o desejo de aprender algo novo. As necessidades orgânicas, as atitudes e os interesses são motivos que instigam o indivíduo. A motivação é um impulso ou uma tendência diretiva que se processa no interior do organismo (QUEIROZ, 2008, p. 177).

Basta observar o comportamento dos alunos para verificar se estão motivados em uma aula ou não. O docente acaba reagindo conforme sua necessidade e objetivo a qual está querendo chamar atenção. Por isso, não compete ao professor apenas lecionar conteúdos programáticos, mas descobrir como esses alunos devem saber aquilo que tem que saber, pois de uma maneira intrínseca o ensino está sendo motivacionado.

Ensinar não é apenas tarefa do professor para ter relação com o aluno. Refletir em como atingir a vontade do aluno estudar também faz parte dessa reflexão, vontade essa aqui destacada como a vontade de aprender o novo ou resignificar o que já se conhece.

Independentemente dos obstáculos que o professor enfrenta na escola e de todo o contexto que lhe é imposto, é necessário motivar a aprendizagem e possibilitar o conhecer. E como realizar essa tarefa é um tópico a ser atingido tomando medidas como tornar as aulas mais dinâmicas, tornar o discente um ser reflexivo e autônomo, favorecer a participação de todos e planejando suas aulas de maneira que os objetivos almejados possam ser alcançados.

O professor deve demonstrar a motivação que tem em lecionar e fazer isso com dedicação é o primeiro passo, se aproximar o máximo possível da realidade do aluno e levando em consideração suas experiências. Pois, quando o discente percebe que o conhecimento dele é valorizado sente-se motivado a realizar as atividades.

O aluno valoriza o professor que domina o conteúdo e apresenta formas adequadas de apresentar a matéria demonstrando um bom relacionamento com o grupo. Assim, o prazer que o professor tem em ensinar, o humor que ele apresenta durante a transmissão de conteúdos, a afetividade com seus alunos dentro e fora de aula, o domínio das informações, são aspectos fundamentais para se manter um bom relacionamento entre educador e educando e instigar o aprendizado.

Segundo Carretero (2003), ninguém aprende alguma coisa partindo do nada, mas sim usando suas capacidades intelectuais, cognitivas e sociais. O discente é provido de conhecimento e o educador deve criar problemas para que seus alunos possam resolvê-los para que se estimule o pensamento e realize uma sondagem para verificar que conceitos estão dominados. Dessa forma, verificam-se os erros e exploram-se partindo de que é através deles que se tem a ideia completa do que será aprendido. O erro é um passo em direção ao saber. Cabe ao professor fazer com que o educando chegue à concepção correta com uma ideia completa do que está sendo aprendido.

O aluno precisa sentir prazer em aprender e isso vai ser reflexo de como o professor dinamiza sua aula e pratica sua metodologia. Dessa forma, o discente que estuda se liga ao mundo porque pessoas motivadas vão em busca de objetivos. E esse empenho só se manifesta se existe afetividade e um bom relacionamento com o educador.

O professor não deve apenas trabalhar a habilidade que tem, a criança precisa vivenciar todas as áreas. Muitos professores têm mania de dizer que o aluno “não sabe de nada” ou “sabe menos”. Isso acontece não é por o aluno saber “menos” ou “nada”, mas sim alguma outra criança sabe mais. Muitas vezes as dificuldades que a criança apresenta são reflexos do método cognitivo que o professor trabalha e que não estão sendo adequados.

As palavras empregadas em um discurso do professor dirigidas ao aluno têm grande influência a motivação e/ou desmotivação em o aluno querer ou não aprender. Palavras que desestimulam, deixam a estima baixa e pode levar até mesmo o aluno tomar aversão pela disciplina. O que reforça a ideia que o aluno se relaciona com o aprender, mediante a relação que o professor tem com a disciplina. Essa relação revelará seu nível de satisfação/insatisfação também com o que faz.

Segundo o discurso de Jussara Hoffmann (III Seminário de Educação Infantil da Rede Municipal de Campina Grande – PB), a criança não aprende devido a algum parâmetro, ela aprende sempre, pois progride sua potencialidade humana. Assim, o

professor deve conscientizar-se de sua tamanha responsabilidade no desenvolvimento da criança. Deve repensar e reconstruir seus conceitos para a melhoria do seu fazer pedagógico. A partir dessa tomada de consciência, o docente deve analisar seu trabalho em três tempos:

- Tempo de admiração, observação e descrição de observação, situações e reações.
- Tempo de reflexão sobre a ação desenvolvida e aspectos do desenvolvimento dos alunos.
- Tempo de invenção e replanejamento do fazer pedagógico com base nas reflexões teóricas e nas necessidades do grupo e de cada criança.

Segundo Pedro Morales (2003), tudo é relação e comunicação; até mesmo o modo de olhar os alunos diz algo sobre ele. É preciso que o educador amplie a sua visão e perceba com conscientização que o aluno aprende a cada segundo. Seja de maneira formal ou não-intencional, de modo que haja respeito e reflexão sobre o que é aprendido. Precisamos vigiar nossas ações e palavras porque muitas vezes ensinamos sem querer e isso é o mais importante e o mais permanente do processo ensino-aprendizado e essa frequência por sua vez depende em boa medida do estilo de relação que estabelecemos com os alunos dentro e fora da sala de aula. Sem intenção, ensinamos coisas mais importantes que nossa disciplina, com o que somos, com nosso modo de relacionamento com os alunos, com comentários incidentais

3.5 RELATO DE UMA PRÁTICA EXITOSA (METODOLOGIA E ANÁLISE DE DADOS)

A escolha do local de investigação para essa pesquisa, se deu no campo de trabalho da autora deste, exercendo a função de coordenadora do Ensino Fundamental II.

Os sujeitos envolvidos nessa investigação são 14 alunos da turma do 6º ano da escola da rede particular de ensino que denominamos de “O Saber”, situada na cidade de Campina Grande na Paraíba. E ainda, dois professores, sendo um da disciplina de História e o outro de Artes, Música e Educação Cristã.

Nossa primeira ação foi conversar com a direção e solicitar que deixássemos ler o Projeto Político Pedagógico da escola e percebemos que a mesma trabalha com uma educação voltada para projetos pedagógicos, que segundo os nossos estudos permite uma relação proximal maior entre professor e aluno pois cada projeto em exploração parte de uma necessidade da turma, escola ou tem a intenção de mudar alguma circunstancia. No momento de nossa pesquisa no campo de investigação, o projeto explorado era intitulado: Nossos Valores.

Ao conversarmos com os professores para pedirmos permissão para observações em sala de aula, a receptividade foi diferente. Após explicarmos motivo de nossa pesquisa, fomos reconhecidos como alguém que se preocupa com o meio educacional e que deseja contribuir com pesquisas com o intuito de encontrar algum motivo de estudo teórico. Exceto por um professor que aparentemente não esconder sua insatisfação em saber que ia ser observado por outra pessoa.

Ao eleger os docentes do ensino fundamental II como sujeitos de análise, sob a perspectiva de uma pesquisa investigativa, procuramos compreender o trabalho dos mesmos e a forma demonstrava através de suas ações no meio pedagógico, a sua satisfação e amor por seu papel dentro e fora de sala de aula. Ainda observamos as práticas pedagógicas dos docentes à vista analisar as didáticas exploradas no decorrer das aulas.

Mediante as observações realizadas, o próximo passo foi procurar conversar com os alunos informalmente sobre os professores enfocando relacionamento, afetividade e aprendizagem. Foi solicitado que respondessem a um questionário contendo perguntas relacionadas aos assuntos mencionados. O resultado das

respostas nos direcionou a investigar mais especificamente dois professores: o de História e o de Artes, Música e Educação Cristã.

Quanto à análise das questões do questionário, faremos uma breve explanação do que foi apresentado e a apuração dos dados. Vejamos:

1. Quais disciplinas você mais gosta?

80% - música e artes

50 % - matemática

30% - história

60% ciências

50% português

2. Por que gosta dessa disciplina?

60% disseram que o professor era bom e as aulas eram legais

10% porque gostam dos conteúdos da disciplina

0% afirmaram porque o professor se relacionava bem com todos e tirava dúvidas

3. Qual o professor você mais gosta?

5 alunos disseram que seria o professor de música e artes

2 afirmaram ser a professora de português

2 relataram ser a professora de matemática

3 Disseram que seria a professora de ciências

2 mencionaram o professor de história

4. Em sua opinião, o que é ser um bom professor?

- Aquele que ensina bem;
- Que tem segurança no que diz e explica direito
- Aquele que briga quando a gente está errado e também brinca para descontrair
- É aquele professor que mostra que gosta de ensinar e traz coisas diferentes nas aulas
- É aquele que chama atenção da gente para estudar direito e diz que não é para levar dúvida para casa

5. Qual o professor que deixa as aulas mais atrativas, dinâmicas?

9 disseram que era o professor de música e artes

4 responderam que seria a professora de matemática

1 mencionou a professora de português

6. Qual a disciplina que você menos gosta?

6 alunos disseram que não gostam de história

3 Mencionaram português

2 afirmaram ser a disciplina de ciências

3 citaram a matemática

Quando perguntado por que não gostavam de história disseram que não era tanto porque tinham que estudar coisas de antes do nascimento deles, mas porque o professor era mal humorado, só fazia escrever no quadro e mal explicava e não fazia nada de novo nas aulas. Relataram que quando tinham dúvidas eles não as tiravam porque o professor não gostava e se aborrecia. Tinha algumas atitudes inadequadas como bater no quadro e na porta ao chegar e gritava muito com os alunos.

Os professores foram, selecionados para essa investigação também a partir da escuta realizada da autora deste trabalho, junto aos alunos em momentos de descontração no ambiente escolar. Seus discursos a respeito deles, eram diferentes e percebemos que a aceitação e o modo que os discentes tinham de se relacionar com os professores também se diferenciavam

Mais uma vez pedimos permissão para adentrar na sala de aula e observar a metodologia dos dois professores sujeitos de enfoque dessa pesquisa. Um professor foi bastante receptivo e convidou-nos a entrar na sala e até participar de sua aula. O outro professor não fez nenhuma objeção, mas sua fisionomia denunciou seu mal estar com nossa presença em suas aulas.

O passo seguinte foi conversar informalmente com tais professores a respeito da vida deles enquanto educando. Para uma melhor compreensão da

constituição profissional dos sujeitos escreveremos um breve relato desses professores a partir de suas experiências escolares enquanto educandos.

O professor de História, que denominamos A, foi para a escola aos 5 anos de idade. Relatou em conversa informal que suas primeiras experiências não foram nada agradáveis. Narrou que quando sua mãe o deixava na escola, chorava bastante e que não gostou de sua primeira professora.

No decorrer dos anos enquanto educando foi bastante cobrado por sua mãe para tirar boas notas, mas ela não colaborava para que alcançasse esse êxito. Estudava pouco e não sentia ânimo em querer aprender os conteúdos escolares por dizer que era muito enfadonho.

Como era o mais velho dos irmãos, tinha que cuidar deles e com isso restava pouco tempo para o exercício estudantil, mas apreciava momentos de leitura. Foi quando fomos surpreendidos com seu discurso ao enfatizar que sua mãe o “punia” com cópias, leituras, ditados, decorarem tabuadas, quando acontecia algo com algum de seus irmãos e que ele não via.

Aos poucos, o professor A começou a ver nos professores o que via em sua mãe: uma pessoa exigente, que obrigava a cumprir atividades e passou a não sentir desejo em ir à escola, perder o ânimo em aprender. “Se eu pudesse fugia daquele lugar”, foi dito pelo professor.

Nesse momento percebemos a relação de transferência negativa da representação da mãe no professor, conforme foi acordado pelo estudioso Imbert e Cifali (1999), esclarecendo que ao identificar um indivíduo projetando no desejo do outro, esse indivíduo não consegue revelar que tem suas próprias diferenças.

Quando questionado a respeito dos seus relacionamentos com os professores até a universidade, afirmou que se relacionava bem, mas que cursava Filosofia porque foi o mais fácil que encontrou para passar no vestibular. Quanto a

metodologia empregada por seus professores, afirmava que não tinha muito atrativo e que realizava muitas pesquisas e leituras para atribuição de notas.

Já o professor de Artes, Música e Educação Cristã, que o denominamos de B, iniciou sua vida discente aos 6 anos de idade. Quando criança vivia pedindo a sua mãe para colocá-lo em uma escola porque queria ter mais amiguinhos e uma “tia”. Procurava ter boas relações com todos na escola e amou sua primeira professora.

B relata que lembra até hoje como foi seu primeiro encontro com sua primeira professora. Destacou que a educadora tinha um belo sorriso no rosto e que o chamou de “meu amor” no primeiro dia de aula. “Esse dia foi maravilhoso porque fui estudar pela primeira vez e eu queria pegar em caderno e lápis”, declara o professor B. Fica claro no seu discurso o desejo abordado por Muller (1994) que esclarece que está ligada ao movimento na busca de sua própria vontade.

Na sua vida acadêmica, teve excelentes professores, mas alguns que não tinha afinidade. Gostava de desenhar e pintar. Quando questionado a respeito da metodologia dos professores explicou que nas aulas eram solicitados que constantemente fizessem algo individual e em grupo como produção de cartazes, peças teatrais entre outros.

Afirmou que sua família sempre o incentivou nos estudos, mas que ao terminar o Ensino Médio parou de estudar e foi trabalhar. Sentindo falta de estudar, retornou e fez vestibular onde passou na UFCG para cursar Música. “Eu amo a Música e ensinar sobre ela. Pena que só vim me encontrar depois de tanto tempo, mas pelo menos faço o que gosto”, fortalece o professor que encerra sua narrativa explanando que em sua vida profissional se espelha nos bons professores que teve e que não esquece de sua primeira professora. Em determinado momento falou que tem aquela professora como exemplo e que quer ser exemplo para os seus alunos como ela foi para ele. Aqui fica clara a transferência positiva.

Em relação ao exercer profissional, o professor A afirma que gosta de estudar Filosofia, mas que se pudesse ter outra profissão que não fosse a de professor ele sairia desse ofício porque só estava exercendo a função por não ter outra escolha no momento.

Fica claro que o fato de o professor não sentir amor pelo que faz acaba refletindo em sua prática. Reportamo-nos ao questionário respondido pelos alunos onde eles abordam que não gostam da disciplina de história e que é justamente ministrada por esse professor.

A falta de didática e inovação nas metodologias por esse docente resulta em desmotivação ao aluno em querer aprender sobre qualquer assunto pertinente a sua disciplina. Até porque as reações explanadas pelo profissional ao adentrar na sala inibe ao discente em questionar tirando suas dúvidas. Nesse caso, não há interação de um sujeito com o outro e isso afeta ao processo do conhecer conforme aborda Seber e Rego (2000) explanando que o professor é que media esse processo entre o conhecimento e a interação com o objeto a ser conhecido.

Nas aulas de música e artes as aulas são mais atrativas. Os alunos se envolvem no processo do conhecimento. A relação entre professor e aluno é bastante proximal e nas ministrações das aulas o professor deixa clara importância que cada um tem para o aprender. Enfatiza que o aluno é importante e que está ali também para aprender com ele. Essa ação do profissional confirma o que já vem sendo abordado por Freire (1996) sobre essa via de mão dupla onde professor e aluno aprendem juntos trocando experiências entre si.

O professor de música é bastante atencioso com seus alunos e mesmo sendo bastante exigente com disciplina e aprendizagem dos mesmos, os discentes demonstram gostar muito dele. É um professor que se preocupa com a ausência do aluno, conversa com os pais buscando soluções para melhorar determinadas situações. Os alunos se sentem amados por ele e essa afetividade é recíproca.

Vemos, portanto, o quanto é importante a troca de afeto entre os sujeitos para que a aprendizagem aconteça. Esse vínculo formado entre o professor e aluno inspira confiança de ambas as partes e por isso concordamos com a contribuição de Chamat (1997) explicando que os vínculos estabelecidos entre ele irão eliminar futuros bloqueios no potencial do discente.

Retomando o nosso olhar para o professor de história que enfoca que em suas aulas não gosta de ficar usando recurso porque acha muito cansativo ficar buscando inovar suas aulas porque não vai ganhar mais ou menos por isso. Afirmou por várias vezes que não teve professor que fizesse essas novas abordagens na escola e nem por isso deixou de aprender.

Em contrapartida o professor de artes e música procura fazer de suas aulas algo prazeroso e mesmo que em suas aulas de música onde tenha que trabalhar bastante teoria musical com leituras de partituras, busca metodologias e didáticas que faça com que o aluno perceba a importância de se aprender aquele conteúdo. Essa preocupação revela todo o amor que esse professor tem principalmente pela música que é seu primeiro ofício e pelo ato de ensinar. Busca participar de eventos e oficinas que estejam envolvidos a prática.

Analisando esses dois parâmetros, podemos perceber que o professor B é interessado em aprimorar sua prática e busca se envolver na atualização de seus conhecimentos. Considera o aluno como um ser provido de conhecimento e dele fazem proveito nas aulas. Já o professor de história, não exerce a escuta tão importante na sala de aula para o processo da aprendizagem, procura não se envolver afetuosamente com seus alunos e deixa claro que não se preocupa com isso.

Podemos até supor que o fato de o professor A ter passado por situações que o levassem-no a resistir ao aprender e ter contato com professores que não tenham se preocupado com ele também enquanto educando tenha ocasionado essa transferência da infância e de sua experiência estudantil para sala de aula.

Ainda destacamos que para uma análise mais minuciosa da situação caberia a um psicanalista investigar esse processo junto ao sujeito, pois apenas esse profissional que trabalha com o inconsciente poderá ajudar ao sujeito descobrir que suas angústias e traumas estão arraigados em sua infância e passado.

Essa pesquisa foi realizada por um período de seis meses. Tempo suficiente para que chegássemos à conclusão deste com veracidade nos dados concluídos. Nesse período observamos aspectos comportamentais de alunos e professores bem como a didática aplicada por ambos profissionais nas aulas. O tempo de observação na sala de aula com os professores selecionados foram iguais: 2 aulas por semana.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A referida pesquisa necessitou realizar um levantamento bibliográfico com realização de bastante leitura atenuantes referentes ao tema em questão, todavia a mesma começa a ser afunilado quando se traz em foco relação do professor e aluno em sala de aula, destacando a transferência e afetividade.

A Psicanálise nos permite analisar mais efetivamente sobre a questão professor e aluno de forma afunilada quanto ao aspecto afetivo entre no relacionamento professor e aluno.

A transferência é um fenômeno muito comum e que está presente em nosso dia em todas as relações do indivíduo. Visando uma análise do ambiente escolar, mais precisamente, a sala de aula, percebemos que é comum que os alunos transfiram para os professores determinadas situações vivenciadas com seus pais.

Na elaboração do presente estudo, podemos enfatizar que quando o profissional tem afinidade e a amor com o que exerce na sala de aula, a forma como ensina e demonstra essa afeição ou rejeição pela disciplina, reflete em sua metodologia. Por esse olhar, o professor não é apenas ensinante, mas se permite também aprender com o outro, o aluno.

Destacou-se que a transferência ocorre seja positivamente ou negativamente entre os sujeitos professor e aluno de modo que, se o professor tiver tido experiências que não foram agradáveis e estas estão em seu inconsciente, é provável que esse profissional reproduza as mesmas ações cometidas por seu professor que tenham lhe incomodado e que essa falta de resolução no seu eu faça com que o professor se relacione com seu aluno e o trate de igual modo como fora tratado. Essas relações vividas pelos professores enquanto educandos influenciam para que o professor desenvolva uma boa didática (ou não) no seu processo de ensino. Quanto maior forem as experiências positivas do professor, maior probabilidade dele se envolver com afeto na sala

de aula e ocorrer transferências também positivas. O que também pode ocorrer igualmente quando experiências negativas resultam em transferências negativas.

Ainda afirmamos que a afetividade, sendo um conjunto de fenômenos psíquicos, sentimentos e emoções, facilita ou dificulta a aprendizagem do educando. Sendo assim, o professor por meio da afetividade pode promover a interação e motivação para que o aluno sinta desejo em querer aprender, enfocando o olhar psicanalítico, não podemos dizer que o eixo central é a afetividade, mas tem sua importância devido à transferência e o estímulo no desejo de saber.

Durante todo o decorrer do trabalho verificamos que não é só a transferência que influencia na aprendizagem do aluno, mas também a didática envolvida. Ao passo que o professor se identifica com o que faz e isso lhe proporciona amor e prazer nas suas ações, haverá uma preocupação mais intensiva em planejar as formas de atingir o ápice do ensino-aprendizado e por certo se preocupará em manter uma boa relação com seu aluno de modo que esse último se satisfará com esse professor que exige, mas é afetuoso e preocupa-se com o aprender do aluno levando em consideração todo o conhecimento de mundo já adquirido.

Podemos concluir que quanto mais o professor aprofundar seus conhecimentos na área psicanalítica, mas fácil será de compreender como ocorrem certos fenômenos e principalmente como ocorre o processo transferencial que acontece envolvendo os sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem. Dessa forma, compreenderá o lugar que ele ocupa no inconsciente do educando e o quanto isso pode influenciar no aprendizado do mesmo.

Portanto, à medida que o professor se apossa de conhecimentos da Psicanálise e reconhece o quanto esta pode ajudá-lo no processo pedagógico e ainda, comprova que a relação afetiva interfere na vivência cotidiana entre os sujeitos envolvidos na sala de aula e para tanto requer do profissional da educação um aprofundamento de leituras a respeito de relações, didática e transferências, sua metodologia é aprimorada mediante sua prática.

REFERÊNCIAS

- ALTOÉ, Anair; PENATI, Marisa Morales. O Construtivismo e o Construcionismo Fundamentando a Ação docente. In: ALTOÉ Anair; COSTA, Maria Luiza Furlan; TERUYA, Teresa Kazuko. **Educação e Novas Tecnologias**. Maringá: Eduem, 2005, p 55-67.
- ARAÚJO, Ulisses F. A. **Construção de escolas democráticas: históricas sobre complexidade, mudanças e resistências**. São Paulo. Moderna, 2002.
- ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- BAIRON, Sérgio; PETRY, Luís Carlos. **Psicanálise e história da cultura**. Caxias do Sul: EDUCS; São Paulo: Mackenzie, 2000.
- BALLONE G.J. Teoria da Personalidade, Revista PsiqWeb, 2008, disponível em: <<http://www.psiqweb.med.br/>>, Acesso em: 25 ago. 2013.
- BARONE, Leda. **De ler o desejo ao desejo de ler**. Petrópolis: Vozes, 1993.
- BAUDOIN. **La Education**. Paris: Hachette, 1969
- BENETTI, C. C. **Direcionando um olhar para a subjetividade singular presente no processo de ensino-aprendizagem: um olhar psicanalítico**. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/24/T2019012363143.doc>>. Acesso em 26 mai. 2013.
- BOSSA. Nádia. **A psicopedagogia no Brasil**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- CAPELATO, Ivan. **As dimensões do amor**. Campinas: Unicamp, 1994.
- CARRETERO, Mário. Um olhar sobre o Construtivismo. **Revista Nova Escola**, a. XVIII, n. 163, pp. 21, 22 e 23, junho/julho de 2003.
- CHAMAT, Leila Sara José. **Relações vinculares e aprendizagem: Um enfoque psicopedagógico**. São Paulo: Vetor, 1997.
- CIFALI, M.; MOLL, J. **Pédagogieet Psychanalyse**. Paris: Dunod 1985.
- CIFALI, Mireille; IMBERT, Francis. **Freud e a pedagogia**. São Paulo: Ed. Loyola. 1999.
- COHEN, Claudio. **Provérbios e o inconsciente**. São Paulo: casa do Psicólogo, 1991.

COSTA, Diogo. **O processo ensino-aprendizagem**. Apresentação. 2010. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/27651010/SITE-Processo-Ensino-aprendizagem>>. Acesso em: 26 mar. 2013.

COUTO, Maria Joana de Brito D' Elboux. **Psicanálise e Educação**. A sedução e a tarefa de educar. São Paulo: Ed. Avercamp, 2003.

CUNHA, Maria Isabel. Relação professor-aluno. In. _____. **Repensando a didática**. Campinas: Papyrus, 1999. p. 145-158. Didática e métodos. Disponível em: <<http://didaticaemethodos.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 29 mai. 2013.

DINIZ, Arnaldo. Apostila metodologia do ensino na educação física. 2013. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAazBMAK/apostila-metodologia-ensino-na-educacao-fisica>>. Acesso em: 12 mai. 2013.

EKSTEIN. From learning to love to love of learning. In FIELD, K.; Cohler B.; Wool G. (col.), **Learning and Education: Psychoanalytic Perspectives**. (pp. 85-90). Madison: International Universities Press.

FERNANDEZ, Alicia. **A mulher escondida na professora**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio XXI**: O dicionário da Língua Portuguesa. 3 ed. Revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FREIRE, M. O sentido da aprendizagem. In: _____. **Paixão de aprender**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1992.

FREIRE, Paulo. **A pedagogia do oprimido**. Disponível em: <http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/20208/mod_resource/content/1/Texto%20-%20-%20A%20Pedagogia%20do%20Oprimido.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2013.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin. 24^o Ed. São Paulo: Editora Paz e Terra S.A., 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 37. ed.. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Docente**. 19. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra. Pp.57-76. 1996

FREITAS, Helena. **A pedagogia das Competências como “Política” de formação e “Instrumento” de Avaliação.** In: VILAS BOAS, Benigna Maria de Freitas (org.). **Avaliação: Políticas e Práticas.** Papirus. São Paulo: 2002 p, 43 a 64.

FREUD, S. Recordar repetir e elaborar (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II). In: _____. **Obras completas.** Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. XII.

FREUD, Sigmund. **Freud e a Pedagogia.** São Paulo: Ed. Loyola, 1999.

_____. **Cinco Lições de Psicanálise** – O. C. Imago. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **A dinâmica da Transferência.** Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, V. 12)

_____. O Interesse Científico da Psicanálise. **Edição Standard das Obras Psicológicas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, volXII, 1996.

_____. Fragmentos da correspondência com Fliess. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (ESB).** Rio de Janeiro: Editora Imago, 1995, v. 1.

_____. Algumas reflexões sobre a Psicologia do Escolar. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (ESB).** Rio de Janeiro: Editora Imago, 1995, v. 13.

_____. Além do Princípio do Prazer. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (ESB).** Rio de Janeiro: Editora Imago, v.XVIII, 1996.

GADOTTI, Moacir. **Educação e mudança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

Garrido, I. Motivacion, emocion y accion educativa. In: MAYOR, L.; TORTOSA, F. (Ed) **Âmbitos de aplicacion de la psicologia motivacional** (pp. 284-343). Bilbao: Desclee de Brower.

GARRIDO, Selma Pimenta. **Saberes Pedagógicos e Atividades Docentes.** São Paulo: Cortez, 1999.

GOMES, Ozéas Dias. **Posicionamento Pedagógico: abordagem de ensino.** 2012. Disponível em: <<http://didaticaemethodos.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 23 mar. 2013.

HEIMANN, P. Certas funções de introjeção e da projeção no início da infância. In: _____. **Os progressos da psicanálise.** Org. Joan Riviere, Zahar: 1969.

HOFFMANN, Jussara. A Avaliação na Educação Infantil. In: **III Seminário de Educação Infantil da Rede Municipal sob múltiplos olhares,** 2004. Campina Grande, PB.

KENSKI, V.M. O Papel do Professor na Sociedade Digital. In: Castro, A.D.; Carvalho, A.M.P. de (Org). **Ensinar a Ensinar**. Didática para a Escola Fundamental e Médio (pp.95-106), 2001)

KUPFER, Maria Cristina. **Freud e a Educação**: O mestre do impossível. São Paulo: Ed. Scipione, 1989.

_____. Maria Cristina. **Freud e a educação**: o mestre do impossível. São Paulo: Editora Scipione, 1995.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 1**: Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1979

LAPLANCHE J.; PONTALIS, J.B. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1970.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.B. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1992.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 2000.

MAUCO, G.. **Psicanálise e educação**. Lisboa: Moraes Editores, 1968

MICHAELIS, Dicionário. **trinlíngue Português / Espanhol/ Inglês**. São Paulo, Klick Editora, 2001.

MIQUELETO, Maria Inês. Coordenadores em ação: Gestão escolar vista de dentro da escola. **Revista Nova Escola**, 2012. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br>>. Acesso em: 27 mai. 2013.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino**: As abordagens do processo Disponível em: <<http://www.ufvjm.edu.br/site/educacaoemquimica/files/2010/10/ABORDAGENS-DO-PROCESSO.pdf>>. Acesso em: 23 jun 2013.

_____. **Ensino: As abordagens do processo. Abordagem Comportamentalista**. São Paulo: EPU, 1986.

MOLARES, Pedro. **A relação professor-aluno**: O que é e como se faz. 4 ed., São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MOSCONI, N.. De l'application de la Psychanalyse à la education. **Revue Française de Pédagogie**, n. 75, pp. 73-79.

MRECH, Leny. **Psicanálise e Educação**: novos operadores de leitura. São Paulo: Pioneira, 1999.

MURRAY, E. J. **Motivação e emoção**. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 1986.
MUSIC, Graham. **Conceitos da Psicanálise: Afetos e Emoções**. Tradução de Carlos Mendes Rosa. Rio de Janeiro: RelumeDumará; Edioro; São Paulo: Segmento – Duetto, 2005.

NOBRE, Suzana. **O pedagogo empresarial atuando em espaços não escolares**. Disponível em:

<http://www.administradores.com.br/artigos/br/artigos/acessado>>. Acesso em 13 de janeiro de 2012.

NOVASKI, Augusto João Crema. **Didática e Metodologia aplicada ao ensino fundamental e médio**, pág. 73, 74 e 75 (sala de aula: Uma aprendizagem do humano), Fortaleza – Ceará, sem data.

PAIN, S. **Diagnóstico e Tratamentos dos Problemas de Aprendizagem**. 4 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

PAIVA, V. P. **Educação Popular e educação de adultos**. São Paulo: Loyola, 1987.

PIAGET, Jean. A lógica própria da criança como base do ensino. **Revista Nova Escola**, pág. 10, 11, 12, 13, 14 e 15. Ano XI, nº 95, agosto de 1996.

_____. **O nascimento da inteligência da criança**. Rio de Janeiro: Zahar. Pintrich P, R. & Schunk, D. H (2002). *Motivation in education - theory, research and applications*. New Jersey: Merrill Prentice Hall. TIBA, I. *Disciplina- limites e medidas*. São Paulo: Ed. Gente, 1996.

PICHON-RIVIERE, Enrique. **A teoria do vínculo**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

POLITY, Elizabeth. **Ensinando a Ensinar: Educação com afeto**. São Paulo: Vetor, 2003.

QUEIROZ, T. D. **Dicionário prático de pedagogia**. São Paulo: Editora Rideel, 2008.

REGO, Tereza Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 10.ed. Vozes. São Paulo: 2000.

SALTINI, Cláudio J. P. **Afetividade & inteligência**. Rio de Janeiro: DPA, 1997.

SALZBERGER-WITTENBERG, I.; HENRY, G. & OSBORN, E. (1990). **The emotional experience of learning and teaching**. London: Routledge.

SEBER, Maria da Glória. **Piaget: o diálogo com a criança e o desenvolvimento do raciocínio**. São Paulo: Scipione. 2000.

SENA, Clério Cezar Batista; MACEDO, JoicyMidiã Figueiredo; SOARES Matheus. **A aprendizagem e o lúdico**: uma nova práxis em sala de aula.2012.Disponível em:<<http://www.abpp.com.br/artigos/128.pdf>> Acesso em 01 de junho de 2013.

SILVA, Kátia Farias da, **Afeto e aprendizagem**: Primordiais entre discente e docente.2011. Disponível em:<<http://www.partes.com.br/educacao/afetoeaprendizagem.asp>>. Acesso em 25/05/2013.

SPRITZER, Nelson. **Pensamento e mudança**: um guia para a excelência pessoal.11.ed. Porto Alegre: L&PM, 1998.

STEIN. Ernildo. De Piaget a Freud: A aprendizagem entre a inteligência e o desejo. In: **Revista do GEEMPA**. Porto Alegre, n.1:37- 43, nov.1993

TERRIER, G; BIGEAULT, H. (1975). **Une école pour OEdipe** - Psychanalyse et Pratique Pédagogique. Toulouse: Privat.

VEIGA, Ilma Passos A. **Projeto Político-Pedagógico da escola**: uma construção coletiva. In: _____; Projeto Político-Pedagógico da escola: uma construção possível. Campinas: Papirus, 1995.

VIOLANTE, Maria Lúcia V. **Sobre a atividade de pensar**. Revista Ideias. São Paulo, n. 28, p 193-209,1997.

WALLON, Henri.**Psicologia e Educação da Infância**. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

ZELAM, Karen. **Os riscos do saber**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.